

# Revolução



MIGUEL ENRIQUEZ

«EM QUALQUER LUGAR EM QUE NOS SURPREENDA A MORTE,  
BEM-VINDA SEJA, SEMPRE QUE ESSE NOSSO GRITO DE GUERRA TENHA  
CHEGADO ATÉ UM OUVIDO RECEPTIVO E OUTRA MÃO SE ESTENDA  
PARA EMPUNHAR AS NOSSAS ARMAS»

*Che*



# Revolução



PORTA-VOZ DO PARTIDO REVOLUCIONARIO DO PROLETARIADO - BRIGADAS REVOLUCIONARIAS

## Um Comunista-Spinolista...

Como quase nunca recebemos cartas de oposição ao nosso jornal, resolvemos hoje publicar a carta que se segue, como exemplo do baixo nível a que pode chegar certo tipo de calúnia. Ela aí vai. Suprimimos os palavões, visto isso fugir completamente ao estilo do nosso jornal...

um homem pode partir uma perna mais ainda lhe fica a outra acredite que a todos os meus amigos eu direi que o vosso jornal é simplesmente um jornal de fanáticos reaccionários. Diga-me outra coisa.

Se todos os jornais a não ser os diários são a mais de 5\$00 porque razão o vosso é a 2\$50?

Terá porventura alguma fonte de receita extra?

Quem sabe!  
Quem sabe!

Pois às vezes desdenha-se com a intenção de comprar.

Mário Carvalho  
Av. Defensores de Chaves, 59 1.º

Esclareçamos o Sr. Mário Carvalho de que denunciámos o Gen. Spínola desde o início e lembrámos-lhe especialmente o n.º 8 do jornal «Revolução» de 19 de Julho. Esclareçamos ainda o Sr. Mário Carvalho de que a directora deste jornal esteve presa e foi interrogada várias vezes pela Pide, nunca tendo falado.

Esclareçamos ainda o Sr. Mário Carvalho de que o dinheiro para o jornal «Revolução» e para o PRP tem origem em assaltos a bancos feitos pelas Brigadas Revolucionárias antes do 25 de Abril e amnistiados politicamente após esta data. É realmente uma receita extra. Para nós é que fica a dúvida em relação aos dinheiros doutros partidos e organizações, que não assaltaram bancos.

E é tudo. Estamos conversados.

## O QUE É O JORNAL O RAIOS?

### O DIRECTOR

O Director do jornal «O Raio» é Victor Ilharco, personagem discutido na região da Covilhã, palavroso e «arrapazado». Foi colaborador no «Jornal do Fundão» durante algum tempo, donde saiu por conflitos devidos a histórias amorosas, o que realmente não nos interessa. Nessa altura um projecto nasceu na sua cabeça: fazer um novo jornal. Que jornal? «O Raio». Foi então que arranjou um nome para o proteger. O Presidente da Câmara da Covilhã, Jorge Craveiro de Sousa. Tudo isto antes do 25 de Abril, claro.

### O Administrador e Editor

Por isso o administrador deste jornal é Jorge Craveiro de Sousa. Veio a «democracia» e Jorge Craveiro de Sousa é saneado da Câmara da Covilhã. Ou antes, pede a demissão... Só não foi saneado de «O Raio» porque, claro, é sua parte integrante.

Além de Presidente da Câmara da Covilhã, de que mais vivia este administrador de «O Raio»? Vivia e vive de ser industrial, sócio de várias fábricas em Tortozendo.

### A PROPRIETÁRIA

A proprietária do jornal é Maria Isabel Lutas de Sousa, filha do administrador. Tudo nas mãos da «democracia»...

### O CHEFE DE REDACÇÃO

O Chefe de Redacção, que aparece em todos os números de «O Raio», fotografado na última página, de pistola em punho (todos o conhecem...), foi interpelado pelo «Revolução» no sentido de lhe serem pedidas responsabilidades sobre um gesto de «O Raio», que a seguir se relata. Foi então que disse que não estava de acordo e que a responsabilidade era do director do jornal.

### O CUSTO DO JORNAL

Os 15 000 exemplares do jornal «O Raio» (e serão 15.000?) com 32

páginas custam 79.500\$00 só de tipografia (sem contar c/empregados, casa, etc), segundo os preços correntes. Cada jornal sai portanto a 5\$30 (tipografia). Como foram vendidos a 5\$00, mesmo que fossem vendidos todos (o que nunca acontece), donde vem o resto do dinheiro para o jornal? Desde já dizemos que os anúncios são muito poucos. E que % da venda é para a distribuidora.

### TEM ISTO TUDO A PROPÓSITO

Vem isto tudo a propósito do jornal «O Raio» ter publicado a capa do «Revolução» onde um monstro fazia um apelo caricatural a todos os fascistas. Os homens de «O Raio» sentiram-se tocados e resolveram, grosseiramente, publicar uma fotografia da capa dizendo que se tratava de um apelo do «Revolução» aos fascistas!

### SOLIDARIEDADE COM O «REVOLUÇÃO»

Este gesto fascista do jornal «O Raio», que assim se anda a servir do dinheiro dos operários de Tortozendo para insultar os democratas, suscitou solidariedade de parte de muita gente para com o «Revolução».

Tipógrafos, empregados de «O Raio», homens da Covilhã, cujos nomes não referimos para não sofrerem represálias, dirigiram-se a nós naqueles dias.

O cartoonista Vasco, que foi colaborador de «O Raio», dirigiu-se-nos solidarizando-se e declarou áquele jornal que não contasse mais com o seu trabalho.

### SÓ NÃO PERCEBEMOS

Só não percebemos que Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, se tivesse deixado entrevistar para aquele jornal. E que se tivesse deixado tratar por camarada. Assim como ele igualmente são entrevistados os «Libertários».

O que este 25 de Abril mistural

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO DO PRP-BR EM SANTANA (ALENTEJO)

No dia 5 de Outubro o PRP-BR faz uma sessão de esclarecimento em Santana, próximo de Arraiolos. A ele assistiram cerca de 100 pessoas, a quase totalidade dos homens da terra, e nela se debateram problemas relativos à situação actual de ameaça fascista, ao socialismo e à luta contra os patrões. Debateu-se o problema do sindicalismo e da estrutura necessária para um sindicato rural. Neste debate participaram dois elementos da direcção da Sociedade «Unidos de Santana» que estavam na mesa a vários habitantes daquela aldeia, todos concordando que os patrões o que precisavam era que lhes metessem "um enxádo" ou "uma picareta" nas mãos...

Esta sessão que decorreu e terminou muito bem, foi no entanto objecto do controlo de forças obscuras. Fontes desconhecidas fizeram circular na terra boatos estranhos, como por exemplo que o PRP era de direita, porque no símbolo a arma era pégada com a mão direita. E, por fim, surgiram vindas de Arraiolos algumas pessoas que tentaram combater a esquerda revolucionária, dizendo que o socialismo não era possível. Para isso socorreram-se do exemplo do Chile e foram tão longe nas suas afirmações que disseram ter provas de que o MIR aceitara o governo fascista de Pinochet desde o primeiro momento. Isto levantou a indignação de todos quantos na sala conheciam a verdade que era exactamente o contrário. Tragicamente, tal como referimos noutra página do jornal, a essa mesma hora os fascistas matavam no Chile Miguel Enríquez, secretário-geral do MIR!

Este reformista caluniador foi completamente desmascarado na sessão de Santana. Mas isto não chega. Por quanto tempo, estas manobras se continuarão a fazer, impunemente?

Em todas as sessões do PRP-BR não falham os provocadores reformistas, mesmo que para isso se tenham que deslocar uns quilómetros. Tem o PRP que agradecer que assim se prestem a abrihantar as suas sessões, para que melhor fiquem demonstrados os seus argumentos... Mas dispensa.

Porque será que os reformistas se recusam a discussões cara a cara com mesas redondas e debates públicos e se prestam a fazer sucessivas provocações que fazem lembrar as de tão triste memória?

Só temos a cumprimentar o povo de Santana pelo seu civismo e só temos que desmascarar os dois reformistas pelo seu atrevimento.

ESCREVE-NOS PARA O APARTADO N.º 4117

DIRECTOR INTERINO: ISABEL DO CARMO

Apartado 4117 • Telefone 71 09 82 • Lisboa 4

Composição e Impressão:

Mirandela & C.ª • Rua Vitor Cordon, 27, 1.ª • Lisboa

Distribuidora:

Internacional - Rua de S. Pedro de Alcântara, 63, 1.ª - Lisboa 2  
SEMANAL

OS LIMPADORES DE MOMENTOS DO DIA 5 DE OUTUBRO, NÃO SE LIMITARAM A LIMPAR O PÓ E A FERRUGEM. ACHARAM POR BEM, EM ALGUNS SÍTIOS LIMPAR OS CARTAZES DO PRP. QUE CARTAZES? OS CARTAZES ANTI-FASCISTAS ONDE SOBRE UM RATO NEGRO ESTÃO ESCRITAS AS PALAVRAS MORTE AO FASCISMO, VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA, REVOLUÇÃO SOCIALISTA. AI OS ESTIVÉAMOS A VER NESSA TAREFA CUIDADOSA. ESTRANHO CUIDADO HIGIÉNICO DE TAIS LIMPADORES! SERÃO ELES CONTRA A VIGILÂNCIA ANTI-FASCISTA? MAS PODEM ESTAR DESCANSADOS QUE OS CARTAZES VOLTARÃO EXACTAMENTE PARA OS MESMOS SÍTIOS.



# DOMINGO UM DIA DE TRABALHO

## CTT e EFACEC dois comunicados

Após termos ultrapassado uma das fases mais críticas do assalto da reacção burguesa (28 de Setembro) às posições conquistadas pelas classes trabalhadoras, tomamos conhecimento do apelo lançado pelo 1º Ministro para fazer do próximo domingo uma jornada de trabalho.

O comunicado emitido pela CDDT a este respeito no passado dia 2, dizia: ".....neste momento vivemos num país capitalista onde a maior fatia da riqueza produzida pelos trabalhadores vai para o bolso dos patrões ..... no caso concreto das empresas da EFACEC-INEL a riqueza suplementar criada por este dia de trabalho vai para o estrangeiro ....."

Mas, perguntam-nos: Mas se o dinheiro desse domingo de trabalho é para nós, como é que o patrão vai na realidade ganhar com isso

A resposta é simples. Acontece que tu, camarada, pelo trabalho que fazes, não recibes o seu justo valor. Acontece que se trabalhasse metade do tempo ou menos, o produto desse trabalho já dava perfeitamente para pagar o teu ordenado e para comprar as máquinas, matérias-primas e outros encargos necessários a esse trabalho. Acontece que a outra metade ou mais, do teu suor diário, é dirigida muito hábilmente pelo teu patrão para o seu rechonchudo bolso. É por isso que no domingo, além de não ter de te pagar esse trabalho menos o teu ordenado diário irá, extraordinariamente, aumentar a sua conta bancária. O que, podes crec, dado o nosso número, lhe irá dar mais umas viagens às Bermudas ou para comprar mais um prédio na Reboleira.

Sexta-feira passada, dia 4, pelas 18,30 horas, convocada pela C.D.D.T., teve lugar uma reunião na sala de desenho da INEL onde se debatem o problema do trabalho no domingo.

Depois de discutidas várias propostas e casos pessoais foi apresentada uma proposta no sentido de os trabalhadores se reunirem à hora de entrada em cada local de trabalho e aí decidirem efectivamente o que iriam fazer. Isto de acordo com as condições específicas da zona desse local de trabalho, conforme houver ou não trabalhos mais importantes a fazer do que trabalhar para o patrão.

O que é facto é que este, deve ser mais um dia, como todos os outros, de vigilância anti-fascista. Deve-se ter em conta que o fascismo é uma forma prática da exploração capitalista. O fascismo não é a Pide, o Caetano ou o Galvão de Melo. Estes são grandes obreiros do fascismo. Mas fascista é objectivamente todo o capitalista que vive à nossa custa e todo o imundo laçao que o serve desde que receba as migalhas mais grossas que lhe caem no prato. Fascista é tanto o Caetano como o chefe de uma oficina ou de um estaleiro que vigia atentamente os trabalhadores e lhes impõe uma disciplina de ferro, dando, inclusivamente, informações periódicas aos seus superiores hierárquicos no sentido de se elevar na sua consideração.

É por isso que a luta contra o fascismo, tem de passar obrigatoriamente por uma luta anti-capitalista consequente.

É por isso que a economia com que nos temos que preocupar é com nossa própria economia de trabalhadores explorados e não com a economia dita nacional, por conveniência, dos burgueses barrigudos que dão o nome de capitalista à nossa sociedade e criam a miséria enquanto nadam no luxo.

É por isso, que lutar contra o fascismo é lutar em cada local de trabalho contra os cães de guarda do patronato que, com cínicas palmadinhas nas costas, nos pretendem fazer ignorar as conversas secretas com os seus superiores hierárquicos onde cospem todo o veneno acumulado durante anos contra aqueles que lutam por ideais colectivos e não para ter mais lates.

É por isso, que lutar contra o fascismo é, por exemplo, lutar pelos saneamentos desses indivíduos indesejáveis aos trabalhadores; é, por exemplo, afixar em cada local de trabalho uma lista dos vencimentos de todos os trabalhadores nesse local, mostrando com isso que as posições assumidas são, na sua grande maioria, derivadas de factos concretos; é, por exemplo, discutir todos os artigos de cada "Jornal da Greve" e todos os assuntos de interesse dos trabalhadores, criando assim cada vez mais uma consciência colectiva de classe; é, enfim, organizarmo-nos em torno de comissões de trabalhadores eleitos por nós próprios e que sejam facilmente demitidas e substituídas logo que vejamos que não nos estão de facto a defender.

A classe operária é aquela que, devido às suas condições de trabalho, mais consciência tem da exploração capitalista.

É por isso, a classe que, devidamente organizada num partido que por ela seja constituído, há-de tomar a direcção da luta de todos os trabalhadores explorados por uma sociedade justa em que a exploração do homem pelo homem seja apenas lembrada nos livros de história como um facto passado que jamais voltará.

(Do "Jornal da Greve" (suspensão) dos trabalhadores da Efacec-Inel de Lisboa)

# C.T.T.

## O DIA DE TRABALHO E UMA JORNADA DE SOLIDARIEDADE

O dia de trabalho voluntário deve ser um dia para reflectirmos nos problemas que se colocam às classes trabalhadoras do nosso país e particularmente aos trabalhadores dos CTT.

É dia de discutirmos a organização do sindicato e a sua importância quanto à melhoria das nossas condições de vida e de trabalho, bem como a recente crise política e as suas implicações.

Além destes exemplos sugerimos ainda alguns assuntos para discussão:

- Estatutos do futuro sindicato;
- Saneamento da empresa; quem deverá ser objecto de saneamento e que formas de efectivar a sua realização temos ao nosso alcance.
- Problemas gerais das classes trabalhadoras em Portugal:
- Papel dos Sindicatos.
- Lutas efectuadas.
- Despedimentos.
- Leis anti-operárias, etc.
- Destino a dar ao salário deste dia de trabalho.

Conforme sugerimos antes, poderão os trabalhadores constituir

um fundo de solidariedade entre trabalhadores para auxilio de camaradas despedidos de outras empresas ou para outros fins que os trabalhadores venham a considerar justo.

Pode ainda ser entregue ao Sindicato para obtenção de máquinas de impressão, papel, etc. de forma a garantir uma independência futura em relação à empresa.

Outras opções poderão ser consideradas pelos trabalhadores conforme a sua consciência.

Onde os trabalhadores decidam entregar o dinheiro para fundos ou para qualquer entidade, devem os delegados anotar os quantitativos, o nome dos contribuintes e o fim a que se destina.

Caso este fundo venha a ser constituído encarregar-se-á a C. P. S. de garantir o seu controlo pelos trabalhadores.

A POSSIBILIDADE DOS TRABALHADORES PODEREM DECIDIR SOBRE O DESTINO DO SALÁRIO DESTE DIA FOI UMA CONQUISTA

Como se sabe, haviam decidido a nível superior que ninguém receberia se viesse trabalhar.

Perante isso, movimentaram-se os trabalhadores e na última reunião de delegados a nível nacional os seus representantes aprovaram uma moção à qual se opuseram apenas 6 delegados em cerca de 250 presentes.

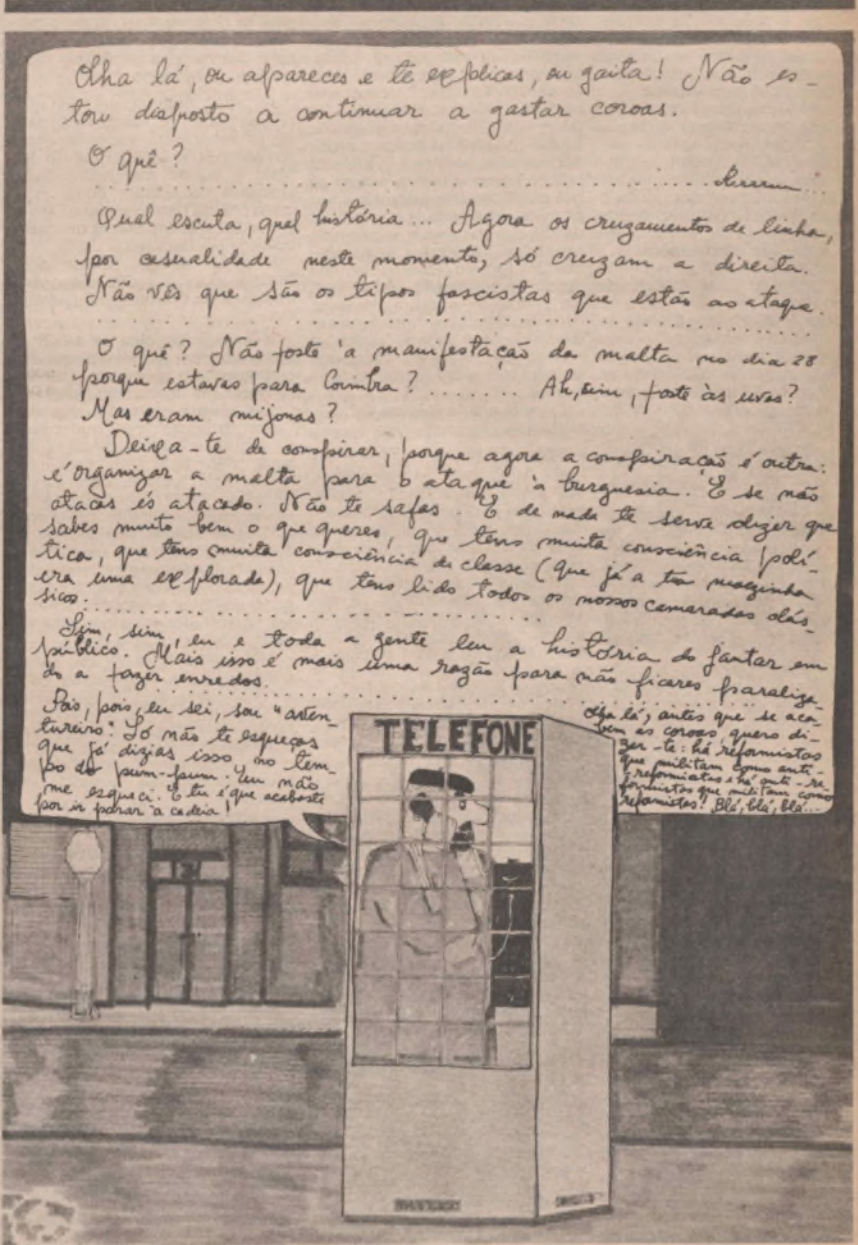
Nessa moção afirmava-se que os trabalhadores viriam trabalhar pois era sua vontade participar nesta forma de luta antifascista, mas pretendiam também ser eles próprios a decidir sobre o destino a dar ao seu salário.

Esta decisão marca já um passo em frente na consciência de classe dos trabalhadores, que veio a reflectir-se na cedência do ministério responsável e no Conselho de Gerência.

Assim, este dia resultará numa retribuição salarial que a C. P. S. considere justa e que só aos trabalhadores caberá dar o destino.

FAÇAMOS DO DIA DE TRABALHO UMA JORNADA DE LUTA ANTIFASCISTA E ANTICAPITALISTA. VIVA A SOLIDARIEDADE ENTRE OS TRABALHADORES!

O FASCISMO NÃO PASSOU... NÃO PASSARÁ!





# MANIFESTO

## Fascismo ou Socialismo : as tarefas do proletariado

*Realizou-se uma reunião da Comissão Central do PRP—BR, que em face da actual situação política e da respectiva análise, aprovou o seguinte documento:*

### 1. NATUREZA DO GOLPE

A instabilidade política devida à crise económica do capitalismo que provocou o 25 de Abril agravou-se, tomando novas formas, não se alterando a estrutura económico-social — capitalista — o país continuou a manter fundamentalmente as mesmas características. A dependência em relação ao imperialismo mantem-se. As grandes empresas — Lisnave, Setenave, electrónica, etc. — tendo sido criadas para explorar um mercado de mão-de-obra barata, atingindo elevadíssimas taxas de produtividade, neste sistema se mantêm e dele não podem sair, assim interessam ao imperialismo, assim se manterão enquanto durar o sistema. Por outro lado, os bens de primeira necessidade — carne, leite e outros — são comprados a outros países, em relação aos quais passa a haver outra espécie de dependência.

Portugal é assim, dentro do imperialismo, um escravo às ordens dos países imperialistas. Os lucros obtidos pelas treze sociedades industriais com capitais norte-americanos são da ordem de 33% em relação ao capital nominal, o que torna realmente este país um "jardim de beira-mar plantado" para o imperialismo. E é só assim que ele lhe interessa.

Mas esta engrenagem de dependência cria condições de crise permanente para o capitalismo português e, consequentemente, para o domínio imperialista, o que pode proporcionar a criação duma conjuntura que abra possibilidades à revolução socialista em Portugal.

A continuação do agravamento da crise económica e social após o 25 de Abril tirou as ilusões à burguesia portuguesa; (com relevo para a alta finança) de que pudesse haver uma estabilização política. E a continuação do agravamento da crise económica e social após o 25 de Abril tirou as ilusões à burguesia portuguesa; (com relevo para a alta finança) de que pudesse haver uma estabilização política. E a continuação do agravamento da crise económica e social após o 25 de Abril tirou as ilusões à burguesia portuguesa; (com relevo para a alta finança) de que pudesse haver uma estabilização política. E a continuação do agravamento da crise económica e social após o 25 de Abril tirou as ilusões à burguesia portuguesa; (com relevo para a alta finança) de que pudesse haver uma estabilização política.

Por isso, a hipótese do fascismo se vai avolumando. Porque o fascismo não é nenhum fenómeno desligado da luta de classes. O fascismo é o capitalismo terrorista, que assim actua, quando não se pode manter "democraticamente".

As massas trabalhadoras ultrapassaram e surpreenderam pela sua combatividade o quadro político onde Spínola — o político do grande capital — queria subir à cena para aí representar uma farsa política determinada pelos interesses dos grandes capitalistas portugueses ligados ao imperialismo internacional. E que encontram em Champallimaud a sua expressão pela política económica que este foi levado a definir ultimamente.

Tendo desde o início contado com os partidos reformistas para travarem a luta das massas, o grande capital cometeu um grave

erro político no seu projecto desenvolvimentista, ao exagerar o poder de contróle daqueles, ao mesmo tempo que descurava a combatividade e a capacidade organizativa dos trabalhadores; erro esse que ainda não conseguiu corrigir, nem com a primeira tentativa encabeçada por Palma Carlos, nem com esta segunda encabeçada pelo próprio Spínola.

Desde a primeira tentativa de control do poder político pelo grande capital, (procurando uma política mais repressiva no interesse dos grandes monopólios, para superar a crise económica) verificou-se a impossibilidade governativa da coligação e consequentemente a impossibilidade da estabilização da democracia burguesa. Ao procurar afastar os reformistas do poder, o grande capital pensava ter assim a possibilidade de apresentar um projecto político coerente com a certeza de que os reformistas queimados aos olhos das massas dada a política de divisão que praticavam, e querendo manter a legalidade, não constituiriam fora do Governo nenhum perigo revolucionário. Estes nem em condições estariam de exigir dum governo que representasse directamente o grande capital, o mínimo de reformas, visto que também eles as tinham recusado às massas.

Durante a crise "Palma Carlos", alertámos, afirmando:

"Não existe uma terceira via, como pretendem os reformistas. Na actual organização social, dominada pelo poder económico e social dos monopólios, ou se faz uma política proletária e esta só se pode conseguir pela subversão total da estrutura económica, social e política da sociedade — o que significa a Revolução Socialista.

Neste clima de ambiguidade política, não só a crise económica se agrava, como se cria um terreno favorável à contra-revolução."

Assim como dirigimos também um aviso ao M.F.A.:

"É imperioso que o M. F. A. se defina e se assuma, consequentemente no interior da luta de classes em curso e que abandone o "centrismo" moderador que, inevitavelmente, levará à sua própria decomposição e que é, desde já, a menos de ser pronta e audaciosamente corrigido, a maior ameaça que pesa sobre a cabeça dos autores do 25 de Abril."

A intentona do 28 de Setembro é a prova mais evidente da impossibilidade da democracia burguesa e do fracasso total do reformismo, apontando como única alternativa para superar a crise que se agravou ainda mais o dilema: ou o fascismo se implanta em Portugal como única forma possível para a exploração capitalista hoje em Portugal, ou se faz a Revolução Socialista, única possibilidade para as massas trabalhadoras de superarem a crise. Não encaram este dilema duma forma científica e facilitar a vida ao fascismo, é

conduzir as massas a um combate (que se dá inevitavelmente) em condições desfavoráveis para elas.

Depois da sua primeira tentativa falhada, a alta finança cada vez mais alarmada pela instabilidade política desencadeia o processo organizativo da reacção, apoiando-se no descontentamento e no desespero da média burguesia provocado pelo impasse em que se encontra a via reformista. E num constante apelo à "maioria silenciosa", lançado pelo próprio Spínola, procura encontrar aí a base "popular" de que necessita para se fazer legalizar, abrindo-lhe caminho a um golpe palaciano que pela sua própria dinâmica culminaria no fascismo.

A alta finança, que estava representada nas várias instâncias do poder político nomeadamente nas pessoas de Spínola, Galvão de Melo e outros militares e civis precisava no entanto duma máquina política para executar os seus projectos. É assim que recorre aos políticos do fascismo.

Para tal servem os partidos reacçãoários, os comandos civis, os jornais de direita, alguns padres, etc.

A ameaça de golpe de dia 28 é preparada com grande aparato de propaganda e com um grande sentido da manobra política. Procurou instaurar um fascismo de "luva branca", o que não conseguiu. A próxima tentativa de golpe não terá nem concurso hípico, nem tourada, nem manifestação. Se conseguido, será rápido, brutal, sangrento. Desta vez o General Spínola não anunciará que pode pôr "as ruas da cor dos cravos"; aliam-se se encarregarão de as tentar pôr. É para esse próximo golpe que os anti-fascistas devem estar preparados organicamente no sentido de resistir pela força.

Mas este fascismo de "luva branca" do dia 28 podia ter sido substituído em fascismo sangrento no decorrer do processo. Perante a oposição do MFA e da população, o processo, se se virasse para a direita, podia evoluir no sentido da liquidação física dos opositores (de todos).

Durante esta crise as posições de classe foram-se clarificando cada vez mais, tanto a nível do M.F.A., como dos partidos e da própria população, culminado no desmascarar da ambiguidade proposta com que tanto a direita como a esquerda se serve da palavra "povo". Este conceito é absolutamente indefinido sem correspondência na realidade e por isso não operativo em qualquer análise, mas puramente mistificador e demagógico. Fazendo-se apelos ao "povo", incorrendo assim num grave erro político com consequências inevitáveis, porque o que existe são classes em luta e não "um povo unido".

Um facto teve importância determinante para a evolução dos acontecimentos durante a madrugada de 28 e para a sua viragem à esquerda. A prisão dos fascistas e

a ocupação de cadeias por fuzileiros navais.

### 2. M. F. A.

A ocupação das emissoras pela GNR e pela PSP e a retenção forçada de Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho em Belém, eram já o prólogo de um acto de força de direita, quando duas decisões do MFA fizeram alterar o jogo de forças. Por um lado o aprisionamento de fascistas e por outro a decisão de enfrentar Belém e de libertar Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho, se necessário. Esta posição do MFA em face do golpe, a qual passa também, inevitavelmente, pelo perigo que corria o próprio Movimento, fez pender o prato da balança e alterou para o futuro a sua posição.

Repetimos hoje, como desde o 25 de Abril: nas F.A. há gerais e há soldados; há burgueses e há trabalhadores; há portanto nas F.A. interesses de classes irreconciliáveis. Mas mais do que isso, nas F.A. há homens que são revolucionários e homens que são conservadores e reacçãoários. No MFA, os homens que aí estão são de origem burguesa ou pequeno-burguesa. Alguns deles continuam a defender os interesses da classe em que têm origem; outros são desde o princípio ou passaram a ser no decorrer do processo, homens que defendem os interesses dos trabalhadores.

Alguns dos sectores progressistas do MFA terão tido mesmo a clara visão política de tomar o pulso à situação, duma forma politico-militar na madrugada de 28. Há portanto grandes contradições no seio do MFA. Daí a ambiguidade do seu programa, cujos pontos mais progressistas foram ao que parece conquistados linha a linha. Daí ele ser o saco fundo onde tudo cabe. Daí ele servir de cobertura a todas as tendências. É assim que se torna, declarado pelos próprios, no programa do PPD, do PS e do PC, da confederação da indústria, da "maioria silenciosa" e por fim do G. Spínola... Esta ambiguidade, esta indefinição, serve de capa à conciliação de classes e pode servir a reacção. A atitude de lisonja permanente ao MFA feita por partidos e organizações com ambição de poder torna-se numa cegueira perigosa, dentro da medida em que procura iludir as massas trabalhadoras. O apoio cego ao MFA, que ainda por cima se confunde muitas vezes com as FA, é um alcapão por onde tentam fazer escorregar os explorados deste país.

O P. S. é conduzido por um processo de concorrência com o P. C., que o leva a posições extremamente ambíguas. A imagem que deu era a que dava antes do 25, é a imagem que dão os partidos que são sacos ideológicos onde tudo cabe.

O P. P. D. é o Spínolismo. Não hesita de resto a fazer o elogio do General no seu documento político. Durante a crise em que lado esteve? O facto de ter permanecido na coligação representa a contradição do próprio poder.

Os partidos reformistas, empenhados no jogo eleitoral dão tudo por tudo para que se conserve a democracia burguesa, que conduza ao parlamentarismo. A hipótese de queimar etapas para a instauração de um regime socialista, é contrária à sua táctica. Não é no combate ao capitalismo e ao fascismo que jogam tudo, mas sim na campanha eleitoral. As últimas horas das barragens, que foram no início uma grande manifestação de resistência antifascista, assim como a informação no sentido da vigilância, transformaram-se a pouco e pouco num excesso de zelo e acabaram em pura exibição eleitoralista. As barragens com siglas de partidos,

### 3. ELEITORALISMO

A crise de 28 de Setembro vai tornar clara a posição de alguns

partidos e a sua vocação eleitoralista. Não querendo comprometer a sua posição, nem arriscar o projectado jogo eleitoral, os partidos reformistas no poder, enquanto partidos, recolheram na casca.

O P. C. desapareceu como partido até segunda-feira à noite, dia 30. Apenas a CDE e a Intersindical e portanto os militantes do P. C. que aí estão, tomaram posições. Essas não arriscam no jogo eleitoral, não têm que tomar posição política definida, não têm compromissos com o poder, porque não estão lá. É portanto a CDE e a Intersindical que avançam, com apelos e com propaganda antifascista. O P. C., como partido, não fez nenhum apelo, não chamou os seus militantes, não deu palavras de ordem. Ressuscita no dia 30 à noite, para fazer a manifestação de apoio ao MFA; e sai com um documento sobre a crise assinado pela Comissão Política; em que toda a análise é condicionada por um dos seus objectivos — as eleições.

A contradição do P. C. reside em querer preservar-se como partido, prevenindo mesmo a hipótese de poder ser corrido da coligação, resguardando a sua existência legal, no caso dum endurecimento do poder político. Os seus militantes vieram para a rua e expressaram-se através da CDE e da Intersindical, mas o P. C., como partido e como sigla, não arriscou. Nisto reside a sua contradição, de partido que joga tudo na "democracia" e na legalidade, tal como antes de 25 de Abril. Este jogo faz-se sempre ao nível de cúpula e das instâncias políticas do poder e nunca ao nível do desenvolvimento do processo de lutas de massas. Isto é independente da coragem, que individualmente muitos militantes manifestaram.

O P. S. é conduzido por um processo de concorrência com o P. C., que o leva a posições extremamente ambíguas. A imagem que deu era a que dava antes do 25, é a imagem que dão os partidos que são sacos ideológicos onde tudo cabe.

O P. P. D. é o Spínolismo. Não hesita de resto a fazer o elogio do General no seu documento político. Durante a crise em que lado esteve? O facto de ter permanecido na coligação representa a contradição do próprio poder.

Os partidos reformistas, empenhados no jogo eleitoral dão tudo por tudo para que se conserve a democracia burguesa, que conduza ao parlamentarismo. A hipótese de queimar etapas para a instauração de um regime socialista, é contrária à sua táctica. Não é no combate ao capitalismo e ao fascismo que jogam tudo, mas sim na campanha eleitoral. As últimas horas das barragens, que foram no início uma grande manifestação de resistência antifascista, assim como a informação no sentido da vigilância, transformaram-se a pouco e pouco num excesso de zelo e acabaram em pura exibição eleitoralista. As barragens com siglas de partidos,

que dois dias depois chegaram à pressa às barragens, eram bem o símbolo do oportunismo. E nessa altura só já conseguiram servir de sinais... maus.

Assim se desmobiliza a classe operária, pondo-a a reboque do eleitoralismo, não a organizando no sentido da resistência antifascista. Nem o apoio ao "domingo de trabalho" (que os patrões agradeceram muito), nem o folclore da limpeza das ruas acrescentarão um milímetro à defesa contra a fúria fascista. Pelo contrário, é criar ilusões e desmobilizar as massas operárias, tentando atrelá-las a um governo que defende interesses contrários aos seus, procurando assim arrancar-lhes uma adesão incondicional à política reformista de colaboração de classes.

Também na esquerda revolucionária se distinguiram as posições oportunistas, daquelas que estão claramente ao lado da classe operária. É assim que há partidos ou organizações que não tomam iniciativa, que se mantêm ambíguos, que estão sempre a ver de que lado é que param as modas, para ir a reboque.

A convocação de uma manifestação para o próprio dia 28, nascida no seio da esquerda revolucionária e das comissões de trabalhadores, foi acompanhada por alguns com hesitação e oscilações, o que provocou que a grande manifestação não fosse ainda muito maior. A sua convocação e a sua organização, feitas nas vésperas da anunciada manifestação fascista destinavam-se a impedir que esta se realizasse, tomando medidas de força, se necessário. Os revolucionários, os trabalhadores em luta, vieram para a rua, dispostos a enfrentar a surpresa do momento e os fascistas.

A manifestação de apoio ao MFA feita dois dias depois, quando tudo estava resolvido, revela puro seguidismo e oportunismo e mais uma vez desejo de ficar bem visto aos olhos do poder.

### 4. REACÇÃO DA POPULAÇÃO

A reacção da população durante os dias de crise demonstrou quanto está mobilizável no sentido antifascista. O facto das pessoas terem ocorrido às barragens nas estradas, o facto de se terem juntado à manifestação, mesmo quando

esta podia enfrentar surpresas, mostra que o sentimento antifascista está profundamente enraizado mesmo naqueles que não estão organizados em partidos ou movimentos.

Por outro lado, o facto de ter havido zonas onde os homens das barragens se armaram com o que tinham em casa — caçadeiras na maior parte — mostra que os trabalhadores reconhecem que não é de mãos vazias que podem vencer a burguesia e a reacção.

### 5. CONSEQUÊNCIAS SÓCIO-ECONÓMICAS E POLÍTICAS

A política económica continuando a ser praticamente a mesma, encerra nela uma grande contradição e provocará inevitavelmente o agravamento da crise económica actual que terá repercussões ao nível do poder político dando possibilidades a um novo golpe e desta vez de tipo fascista.

O agravamento da crise económica, devido à falta de investimentos — pois o capital não confia no poder político — o aumento do desemprego e a subida do custo da vida desencadeiam um processo de desagregação política, levando ao isolamento do MFA e do Governo Provisório em relação às massas exploradas e à pequena-burguesia, em que os menos politizados podem constituir uma força potencial a ser aproveitada pela reacção. A classe operária não podendo suportar a deterioração do seu poder de compra e ao sentir crescer o número de desempregados não poderá deixar de travar um combate por reivindicações imediatas, enfrentando também o impasse da política reformista que lhe freia a sua combatividade e organização autónoma, podendo vir a produzir uma cisão no seu próprio seio.

A perspectiva eleitoralista em que os partidos reformistas se comprometeram inteiramente, numa procura de estabilidade política, encerra também nela própria uma profunda contradição, pois é geradora de divisões das forças antifascistas atraindo assim a reacção.

Prender manter a situação actual, esperando consolidá-la é profundamente ilusório; pois perante a crise objectiva que atravessa todo o sistema, a única via

que interessa à classe trabalhadora para a superação de tal crise é a Revolução Socialista.

O grande capital financeiro — detentor do poder económico — encontra-se agora menos directamente representado nas várias instâncias do poder político, tendo deixado nele os defensores directos de pequena e média burguesia.

O agravar de tal desfazamento entre o poder económico e o poder político actual gera novas contradições paralizano o Governo Provisório em qualquer tentativa de política económica com que este pretendesse responder à crise.

O assalto do poder político por parte do grande capital — que se tornará inevitável — tenderá a processar-se desta vez completamente fora dos aparelhos políticos, mas tendo que encontrar apoios não só em certas camadas populares menos politizadas, mas sobretudo no próprio poder político actual e nomeadamente nas forças armadas.

A falta de coesão ideológica do próprio MFA e a incapacidade governativa da coligação actual, acentuar-se-ão à medida que se agravar a agudização das contradições entre o poder político e o poder económico ao ponto de produzir roturas no bloco no poder, que na situação actual do capitalismo português poderá desencadear uma luta de classes armada.

### 6. TAREFAS DO PROLETARIADO

Muitos dos objectivos tácticos do "Manifesto ao Proletariado Português", do PRP-BR datado de 12 de Maio, foram cumpridos. Hoje, nesta nova fase que decorre após o 28 de Setembro, novos objectivos orgânicos e tácticos se põem.

A madrugada e o dia 28 de Setembro, assim como os dias que se seguiram, mostraram a combatividade das massas. Mas mostraram também as deficiências em recursos técnicos, as deficiências de organização da classe operária, e os perigos reais das massas populares poderem ser derrotadas. As hesitações e mesmo a capitulação de algumas organizações que se afirmam antireformistas, e de trabalhadores individualizados, entravaram a organização nos dias que precederam o 28 de Setembro, tanto no que diz respeito às comis-

sões de trabalhadores como às organizações revolucionárias. Estas hesitações e esta capitulação têm causas diferentes conforme a localização da sua origem. Para alguns tudo se passa como se pudessem paralisar a situação objectiva, ou como se ela não existisse — esperam organizar-se lentamente para um tempo futuro, não se sabe qual. É uma posição idealista no sentido filosófico do termo que tem muito a ver com o dirigismo. Para outros, a táctica a definir regula-se de acordo com o que lhes parece ser a maré, para irem atrás, para não ficarem isolados — são oportunistas.

Estes erros, que se encontram na seio das organizações e dos trabalhadores, não reformistas, têm aí se dar decerto um afrontamento entre os interesses dos trabalhadores e os da burguesia. Neste momento há que concentrar a luta de massas sobre os seguintes objectivos imediatos:

- Saneamento dos fascistas dentro das empresas e em todos os serviços públicos;
- Desarmamento e dissolução da GNR e da PSP;
- Democratização e transformação completa das F. A.;
- Independência imediata para os povos ainda sobre o domínio colonial português;
- Nacionalização dos grandes meios de produção.

- PELA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E UNITÁRIA DA CLASSE OPERÁRIA
- PELA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO SEIO DAS FORÇAS ARMADAS
- PELA ORGANIZAÇÃO SINDICAL DE TODOS OS TRABALHADORES A PARTIR DA BASE
- PELA DESTRUIÇÃO DO APARELHO DE ESTADO FASCISTA
- PELA ALIANÇA DOS SOLDADOS E MARINHEIROS COM OS TRABALHADORES ORGANIZADOS EM LUTA PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
- PELA UNIDADE REVOLUCIONÁRIA DA CLASSE OPERÁRIA
- PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
- PELA DITADURA DO PROLETARIADO
- PELO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Outubro de 1974.

Comissão Central do P. R. P.—B. R.





## Fascismo o as tarefas o

Realizou-se uma reunião da Comissão Central do PRP-BR, que em face da actual situação política e da respectiva análise, aprovou o seguinte documento:

### 1. NATUREZA DO GOLPE

A instabilidade política devida à crise económica do capitalismo que provocou o 25 de Abril agravou-se, tomando novas formas, não se alterando a estrutura económico-social — capitalista — o país continuou a manter fundamentalmente as mesmas características. A dependência em relação ao imperialismo mantem-se. As grandes empresas — Lisnave, Setenave, electrónica, etc. — tendo sido criadas para explorar um mercado de mão-de-obra barata, atingindo elevadíssimas taxas de produtividade, este sistema mantém e dele não podem sair, assim interessam ao imperialismo, assim se manterão enquanto durar o sistema. Por outro lado, os bens de primeira necessidade — carne, leite e outros — são comprados a outros países, em relação aos quais passa a haver outra espécie de dependência.

Portugal é assim, dentro do imperialismo, um escravo às ordens dos países imperialistas. Os lucros obtidos pelas treze sociedades industriais com capitais norte-americanos são da ordem de 33% em relação ao capital nominal, o que torna realmente este país um "jardim à beira-mar plantado" para o imperialismo. E é só assim que ele lhe interessa.

Mas esta engrenação de dependência cria condições de crise permanente para o capitalismo português e, consequentemente, para o domínio imperialista, o que pode proporcionar a criação duma conjuntura que abra possibilidades à revolução socialista em Portugal.

A continuação do agravamento da crise económica e social após o 25 de Abril tirou as ilusões à burguesia portuguesa, (com relevo para a alta finança) de que pudesse haver uma estabilização política. E a pouco e pouco foram-se esgotando as hipóteses desenvolvimentistas.

Por isso, a hipótese do fascismo se vai avolumando. Porque o fascismo não é nenhum fenómeno desligado da luta de classes. O fascismo é o capitalismo terrorista, que assim actua, quando não se pode manter "democráticamente".

As massas trabalhadoras ultrapassaram e surpreenderam pela sua combatividade o quadro político onde Spínola — o político do grande capital — queria subir à cena para al representar uma farsa política determinada pelos interesses dos grandes capitalistas portugueses ligados ao imperialismo internacional. E que encontram em Champallimaud a sua expressão pela política económica que este foi levado a definir ultimamente.

Tendo desde o início contado com os partidos reformistas para travarem a luta das massas, o grande capital cometeu um grave

erro político no seu projecto desenvolvimentista, ao exagerar o poder de controle daqueles, ao mesmo tempo que descurava a combatividade e a capacidade organizativa dos trabalhadores; erro esse que ainda não conseguiu corrigir, nem com a primeira tentativa encabeçada por Palma Carlos, nem com esta segunda encabeçada pelo próprio Spínola.

Desde a primeira tentativa de controle do poder político pelo grande capital, (procurando uma política mais repressiva no interesse dos grandes monopólios, para superar a crise económica) verificou-se a impossibilidade governativa da coligação e consequentemente a impossibilidade da estabilização da democracia burguesa. Ao procurar afastar os reformistas do poder, o grande capital pensava ter assim a possibilidade de apresentar um projecto político coerente com a certeza de que os reformistas queimados aos olhos das massas dada a política de divisão que praticavam, e querendo manter a legalidade, não constituiriam fora do Governo nenhum perigo revolucionário. Estes nem em condições estariam de exigir dum governo que representasse directamente o grande capital, o mínimo de reformas, visto que também eles as tinham recusado às massas.

Durante a crise "Palma Carlos", alertámos, afirmando:

"Não existe uma terceira via, como pretendem os reformistas. Na actual organização social, dominada pelo poder económico e social dos monopólios, ou se faz uma política proletária e esta só se pode conseguir pela subversão total da estrutura económica, social e política da sociedade — o que significa a Revolução Socialista. Neste clima de ambiguidade política, não só a crise económica se agrava, como se cria um terreno favorável à contra-revolução."

Assim como dirigimos também um aviso ao M.F.A.:

"É imperioso que o M. F. A. se defina e se assuma, consequentemente no interior da luta de classes em curso e que abandone o "centrismo" moderador que, inevitavelmente, levará à sua própria decomposição e que é, desde já, a menos de ser pronta e audaciosamente corrigido, a maior ameaça que pesa sobre a cabeça dos autores do 25 de Abril."

A intenção do 28 de Setembro é a prova mais evidente da impossibilidade da democracia burguesa e do fracasso total do reformismo, apontando como única alternativa para superar a crise que se agravou ainda mais o dilema: ou o fascismo se implanta em Portugal como única forma possível para a exploração capitalista hoje em Portugal, ou se faz a Revolução Socialista, única possibilidade para as massas trabalhadoras de superarem a crise. Não encara este dilema duma forma científica é facilitar a vida ao fascismo, é

conduzir as massas a um combate (que se dá inevitavelmente) em condições desfavoráveis para elas.

Depois da sua primeira tentativa falhada, a alta finança cada vez mais alarmada pela instabilidade política desencadeia o processo organizativo da reacção, apoiando-se no descontentamento e no desespero da média burguesia provocado pelo impasse em que se encontra a via reformista. E num constante apelo à "maioria silenciosa", lançado pelo próprio Spínola, procura encontrar aí a base "popular" de que necessita para se fazer legalizar, abrindo-lhe caminho a um golpe palaciano que pela sua própria dinâmica culminaria no fascismo.

A alta finança, que estava representada nas várias instâncias do poder político nomeadamente nas pessoas de Spínola, Galvão de Melo e outros militares e civis precisava no entanto duma máquina política para executar os seus projectos. É assim que recorre aos políticos do fascismo.

Para tal servem os partidos reaccionários, os comandos, civis, os jornais de direita, alguns padres, etc.

A ameaça de golpe de dia 28 é preparada com grande aparato de propaganda e com um grande sentido da manobra política. Procurou instaurar um fascismo de "luva branca", o que não conseguiu. A próxima tentativa de golpe não terá nem concurso hípico, nem tourada, nem manifestação. Se conseguido, será rápido, brutal, sangrento. Desta vez o General Spínola não anunciará que pode pôr "as ruas da cor dos cravos"; aloum se encarregará de as tentar pôr. É para esse próximo golpe que os anti-fascistas devem estar preparados organicamente no sentido de resistir pela força.

Mas este fascismo de "luva branca" do dia 28 podia ter desdobrado em fascismo sangrento no decorrer do processo. Perante a oposição do MFA e da população, o processo, se se virasse para a direita, podia evoluir no sentido da liquidação física dos opositores (de todos).

Durante esta crise as posições de classe foram-se clarificando cada vez mais, tanto a nível do M.F.A., como dos partidos e da própria população, culminado no desmascarar da ambiguidade proposta com que tanto a direita como a esquerda se serve da palavra "povo". Este conceito é absolutamente indefinido sem correspondência na realidade e por isso não operativo em qualquer análise, mas puramente mistificador e demagógico. Fazendo-se apelos ao "povo", incorrendo assim num grave erro político com consequências inevitáveis, porque o que existe são classes em luta e não "um povo unido".

Um facto teve importância determinante para a evolução dos acontecimentos durante a madrugada de 28 e para a sua viragem à esquerda. A prisão dos fascistas e

a ocupação de cadeias por fuzileiros navais.

### 2. M. F. A.

A ocupação das emissoras pela GNR e pela PSP e a retenção forçada de Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho em Belém, eram já o prólogo de um acto de força de direita, quando duas decisões do MFA fizeram alterar o jogo de forças. Por um lado o aprisionamento de fascistas e por outro a decisão de enfrentar Belém e de libertar Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho, se necessário. Esta posição do MFA em face do golpe, a qual passa também, inevitavelmente, pelo perigo que corria o próprio Movimento, fez pender o prato da balança e alterou para o futuro a sua posição.

Repetimos hoje, como desde o 25 de Abril: nas F.A. há generais e há soldados; há burgueses e há trabalhadores; há portanto nas F.A. interesses de classes irreconciliáveis. Mas mais do que isso, nas F.A. há homens que são revolucionários e homens que são conservadores e reaccionários. No MFA, os homens que aí estão são de origem burguesa ou pequeno-burguesa. Alguns deles continuam a defender os interesses da classe em que têm origem; outros são desde o princípio ou passaram a ser no decorrer do processo, homens que defendem os interesses dos trabalhadores. Alguns dos sectores progressistas do MFA terão tido mesmo a clara visão política de tomar o pulso à situação, duma forma político-militar na madrugada de 28. Há portanto grandes contradições no seio do MFA. Daí a ambiguidade do seu programa, cujos pontos mais progressistas foram ao que parece conquistados linha a linha. Daí ele ser o sacro fundo onde tudo cabe. Daí ele servir de cobertura a todas as tendências. É assim que se torna, declarado pelos próprios, no programa do PPD, do PS e do PC, da confederação da indústria, da "maioria silenciosa" e por fim do G. Spínola... Esta ambiguidade, esta indefinição, serve de capa à conciliação de classes e pode servir a reacção. A atitude de lisonja permanente ao MFA feita por partidos e organizações com ambição de poder torna-se numa cegueira perigosa, dentro da medida em que procura iludir as massas trabalhadoras. O apoio cego ao MFA, que ainda por cima se confunde muitas vezes com as FA, é um alcapão por onde tentam fazer escorregar os explorados deste país.

A ausência de crítica só vai dificultar que triunfem os sectores mais progressistas do MFA, eles também necessariamente críticos em relação ao seu próprio programa e decerto uns desejando e outros sendo forçados a ir mais além.

### 3. ELEITORALISMO

A crise de 28 de Setembro vai tornar clara a posição de alguns

partidos e a sua vocação eleitoralista. Não querendo comprometer a sua posição, nem arriscar o projecto de jogo eleitoral, os partidos reformistas no poder, enquanto partidos, recolheram na casca.

O P. C. desapareceu como partido até segunda-feira à noite, dia 30. Apenas a CDE e a Intersindical e portanto os militantes do P. C. que aí estão, tomaram posições. Essas não arriscam no jogo eleitoral, não têm que tomar posição política definida, não têm compromissos com o poder, porque não estão lá. É portanto a CDE e a Intersindical que avançam, com apelos e com propaganda antifascista. O P. C., como partido, não fez nenhum apelo, não chamou os seus militantes, não deu palavras de ordem. Ressuscita no dia 30 à noite, para fazer a manifestação de apoio ao MFA; e sai com um documento sobre a crise assinado pela Comissão Política; em que toda a análise é condicionada por um dos seus objectivos — as eleições.

A contradição do P. C. reside em querer preservar-se como partido, prevenindo mesmo a hipótese de poder ser corrido da coligação, resguardando a sua existência legal, no caso dum endurecimento do poder político. Os seus militantes vieram para a rua e expressaram-se através da CDE e da Intersindical, mas o P. C., como partido e como sigla, não arriscou. Nisto reside a sua contradição, de partido que joga tudo na "democracia" e na legalidade, tal como antes de 25 de Abril. Este jogo faz-se sempre ao nível de cúpula e das instâncias políticas do poder e nunca ao nível do desenvolvimento do processo de lutas de massas. Isto é independente da coragem, que individualmente muitos militantes manifestaram.

O P. S. é conduzido por um processo de concorrência com o P. C., que o leva a posições extremamente ambíguas. A imagem que deu era a que dava antes do 25, é a imagem que dão os partidos que são sacos ideológicos onde tudo cabe.

O P. P. D. é o Spínolismo. Não hesita de resto a fazer o elogio do General no seu documento político. Durante a crise em que lado esteve? O facto de ter permanecido na coligação representa a contradição do próprio poder.

Os partidos reformistas, empenhados no jogo eleitoral dão tudo por tudo para que se conserve a democracia burguesa, que conduza ao parlamentarismo. A hipótese de queimar etapas para a instauração de um regime socialista, é contrária à sua tática. Não é no combate ao capitalismo e ao fascismo que jogam tudo, mas sim na campanha eleitoral. As últimas horas das barragens, que foram no início uma grande manifestação de resistência antifascista, assim como a informação no sentido da vigilância, transformaram-se a pouco e pouco num excesso de zelo e acabaram em pura exibição eleitoralista. As barragens com siglas de partidos,



# MANIFES

## Fascismo ou Soc

### as tarefas do pro

erro político no seu projecto desen-  
volvimentista, ao exagerar o poder  
de contróle daqueles, ao mesmo  
tempo que descurava a combativi-  
dade e a capacidade organizativa  
dos trabalhadores; erro esse que  
ainda não conseguiu corrigir, nem  
com a primeira tentativa enca-  
beçada por Palma Carlos, nem  
com esta segunda encabeçada pelo  
próprio Spínola.

Desde a primeira tentativa de  
control do poder político pelo  
grande capital, (procurando uma  
política mais repressiva no interes-  
se dos grandes monopólios, para  
superar a crise económica) verifi-  
cou-se a impossibilidade de go-  
vernativa da coligação e conse-  
quentemente a impossibilidade da  
estabilização da democracia  
burguesa. Ao procurar afastar os  
reformistas do poder, o grande  
capital pensava ter assim a possi-  
bilidade de apresentar um projecto  
político coerente com a certeza de  
que os reformistas queimados aos  
olhos das massas dada a política de  
divisão que praticavam, e querendo  
manter a legalidade, não consti-  
tuiriam fora do Governo nenhum  
perigo revolucionário. Estes nem  
em condições estariam de exigir  
dum governo que representasse  
directamente o grande capital, o  
nível de reformas, visto que  
também eles as tinham recusado às  
massas.

Durante a crise "Palma Carlos",  
alertámos, afirmando:

"Não existe uma terceira via,  
como pretendem os reformistas.  
Na actual organização social,  
dominada pelo poder económico e  
social dos monopólios, ou se faz  
uma política proletária e esta só se  
pode conseguir pela subversão to-  
tal da estrutura económica, social e  
política da sociedade — o que  
significa a Revolução Socialista.  
Neste clima de ambiguidade  
política, não só a crise económica  
se agrava, como se cria um terreno  
favorável à contra-revolução."

Assim como dirigimos também  
um aviso ao M.F.A.:

"É imperioso que o M. F. A. se  
defina e se assuma, consequen-  
temente no interior da luta de  
classes em curso e que abandone o  
"centrismo" moderador que, inevi-  
tavelmente, levará à sua própria  
decomposição e que é, desde já, a  
menos de ser pronta e auda-  
ciosamente corrigido, a maior  
ameaça que pesa sobre a cabeça  
dos autores do 25 de Abril."

A intenção do 28 de Setembro é  
a prova mais evidente da impos-  
sibilidade da democracia  
burguesa e do fracasso total do re-  
formismo, apontando como única  
alternativa para superar a crise que  
se agravou ainda mais o dilema: ou  
o fascismo se implanta em Portugal  
como única forma possível para a  
exploração capitalista hoje em  
Portugal, ou se faz a Revolução  
Socialista, única possibilidade para  
as massas trabalhadoras de  
superarem a crise. Não encaram este  
dilema numa forma científica é  
facilitar a vida ao fascismo, é

conduzir as massas a um combate  
(que se dá inevitavelmente) em  
condições desfavoráveis para elas.

Depois da sua primeira tentativa  
falhada, a alta finança cada vez  
mais alarmada pela instabilidade  
política desencadeia o processo  
organizativo da reacção, apoiando-  
se no descontentamento e no  
desespero da média burguesia pro-  
vocado pelo impasse em que se  
encontra a via reformista. E num  
constante apelo à "maioria  
silenciosa", lançado pelo próprio  
Spínola, procura encontrar aí a  
base "popular" de que necessita  
para se fazer legalizar, abrindo-lhe  
caminho a um golpe palaciano que  
pela sua própria dinâmica culmi-  
naria no fascismo.

A alta finança, que estava  
representada nas várias instâncias  
do poder político nomeadamente  
nas pessoas de Spínola, Galvão de  
Melo e outros militares e civis  
precisava no entanto duma má-  
quina política para executar os seus  
projectos. É assim que recorre aos  
políticos do fascismo.

Para tal servem os partidos  
reaccionários, os comandos civis,  
os jornais de direita, alguns padres,  
etc.

A ameaça de golpe de dia 28 é  
preparada com grande aparato de  
propaganda e com um grande  
sentido da manobra política.  
Procurou instaurar um fascismo de  
"luva branca", o que não  
conseguiu. A próxima tentativa de  
golpe não terá nem concurso  
híptico, nem tourada, nem manifes-  
tação. Se conseguido, será  
rápido, brutal, sangrento. Desta vez  
o General Spínola não anunciará  
que pode pôr "as ruas da cor dos  
cravos"; aluáum se encarregará de  
as tentar pôr. É para esse próximo  
golpe que os anti-fascistas devem  
estar preparados organicamente no  
sentido de resistir pela força.

Mas este fascismo de "luva  
branca" do dia 28 podia ter des-  
cambado em fascismo sangrento  
no decorrer do processo. Perante a  
oposição do MFA e da população,  
o processo, se se virasse para a  
direita, podia evoluir no sentido da  
liquidação física dos opositores (de  
todos).

Durante esta crise as posições de  
classe foram-se clarificando cada  
vez mais, tanto a nível do M.F.A.,  
como dos partidos e da própria  
população, culminado no desma-  
scarar da ambiguidade proposi-  
tada com que tanto a direita como  
a esquerda se serve da palavra  
"povo". Este conceito é  
absolutamente indefinido sem  
correspondência na realidade e por  
isso não operativo em qualquer  
análise, mas puramente misti-  
ficador e demagógico. Fazendo-  
se apelos ao "povo", incorrendo  
assim num grave erro  
político com consequências in-  
evitáveis, porque o que existe são  
classes em luta e não "um povo  
unido".

Um facto teve importância de-  
terminante para a evolução dos  
acontecimentos durante a ma-  
drugada de 28 e para a sua viragem  
à esquerda. A prisão dos fascistas e

a ocupação de cadeias por  
fuzileiros navais.

#### 2. M. F. A.

A ocupação das emissoras pela  
GNR e pela PSP e a retenção  
forçada de Vasco Gonçalves e  
Otelo Saraiva de Carvalho em  
Belém, eram já o prólogo de um  
acto de força de direita, quando  
duas decisões do MFA fizeram  
alterar o jogo de forças. Por um lado  
o aprisionamento de fascistas e  
por outro a decisão de enfrentar  
Belém e de libertar Vasco Gon-  
çalves e Otelo Saraiva de Carvalho,  
se necessário. Esta posição do  
MFA em face do golpe, a qual  
passa também, inevitavelmente,  
pelo perigo que corria o próprio  
Movimento, fez pender o prato da  
balança e alterou para o futuro a  
sua posição.

Repetimos hoje, como desde o  
25 de Abril: nas F.A. há generais e  
há soldados; há burgueses e há tra-  
balhadores; há portanto nas F.A.  
interesses de classes irreconciliá-  
veis. Mas mais do que isso, nas  
F.A. há homens que são re-  
volucionários e homens que são  
conservadores e reaccionários. No  
MFA, os homens que aí estão são de  
origem burguesa ou pe-  
queno-burguesa. Alguns deles  
continuam a defender os interesses  
da classe em que têm origem;  
outros são desde o princípio ou  
passaram a ser no decorrer do  
processo, homens que defendem  
os interesses dos trabalhadores.  
Alguns dos sectores progressistas  
do MFA terão tido mesmo a clara  
visão política de tomar o pulso à si-  
tuação, duma forma politico-militar  
na madrugada de 28. Há portanto  
grandes contradições no seio do  
MFA. Daí a ambiguidade do seu  
programa, cujos pontos mais  
progressistas foram ao que parece  
conquistados linha a linha. Daí ele  
ser o saco fundo onde tudo cabe.  
Daí ele servir de cobertura a todas  
as tendências. É assim que se  
torna, declarado pelos próprios, no  
programa do PPD, do PS e do PC,  
da confederação da indústria, da  
"maioria silenciosa" e por fim do G.  
Spínola... Esta ambiguidade, esta  
indefinição, serve de capa à  
conciliação de classes e pode servir  
a reacção. A atitude de lisonja  
permanente ao MFA feita por par-  
tidos e organizações com ambição  
de poder torna-se numa cegueira  
perigosa, dentro da medida em que  
procura iludir as massas tra-  
balhadoras. O apoio cego ao MFA,  
que ainda por cima se confunde  
muitas vezes com as FA, é um  
alcapão por onde tentam fazer  
escurrer os explorados deste  
país.

A ausência de crítica só vai difi-  
cultar que triunfem os sectores  
mais progressistas do MFA, eles  
também necessariamente críticos  
em relação ao seu próprio  
programa e decerto uns desejando  
e outros sendo forçados a ir mais  
além.

#### 3. ELEITORALISMO

A crise de 28 de Setembro vai  
tornar clara a posição de alguns

partidos e a sua vocação eleitora-  
lista. Não querendo comprometer a  
sua posição, nem arriscar o projec-  
tado jogo eleitoral, os partidos re-  
formistas no poder, enquanto  
partidos, recolheram na casca.

O P. C. desapareceu como parti-  
do até segunda-feira à noite, dia  
30. Apenas a CDE e a Intersindical  
e portanto os militantes do P. C.  
que aí estão, tomaram posições.  
Essas não arriscam no jogo eleito-  
ral, não têm que tomar posição  
política definida, não têm compro-  
missos com o poder, porque não  
estão lá. É portanto a CDE e a  
Intersindical que avançam, com  
apelos e com propaganda anti-  
fascista. O P. C., como partido,  
não fez nenhum apelo, não cha-  
mou os seus militantes, não deu  
palavras de ordem. Ressuscita no  
dia 30 à noite, para fazer a manifes-  
tação de apoio ao MFA; e sai com  
um documento sobre a crise  
assinado pela Comissão Política,  
em que toda a análise é condicio-  
nada por um dos seus objectivos —  
as eleições.

A contradição do P. C. reside em  
querer preservar-se como partido,  
prevedendo mesmo a hipótese de po-  
der ser corrido da coligação, res-  
guardando a sua existência legal,  
no caso dum endurecimento do  
poder político. Os seus militantes  
vieram para a rua e expressaram-se  
através da CDE e da Intersindical,  
mas o P. C., como partido e como  
sigla, não arriscou. Nisto reside a  
sua contradição, de partido que  
joga tudo na "democracia" e na  
legalidade, tal como antes de 25 de  
Abril. Este jogo faz-se sempre ao  
nível de cúpula e das instâncias  
políticas do poder e nunca ao nível  
do desenvolvimento do processo  
de lutas de massas. Isto é independen-  
te da coragem, que individual-  
mente muitos militantes manifesta-  
ram.

O P. S. é conduzido por um pro-  
cesso de concorrência com o P. C.,  
que o leva a posições extrema-  
mente ambíguas. A imagem que  
deu era a que dava antes do 25, é a  
imagem que dão os partidos que  
são sacos ideológicos onde tudo  
cabe.

O P. P. D. é o Spínolismo. Não  
hesita de resto a fazer o elogio do  
General no seu documento político.  
Durante a crise em que lado este-  
teve? O facto de ter permanecido  
na coligação representa a contradi-  
ção do próprio poder.

Os partidos reformistas, empen-  
hados no jogo eleitoral dão tudo  
por tudo para que se conserve a  
democracia burguesa, que conduza  
ao parlamentarismo. A hipótese de  
queimar etapas para a instauração  
de um regime socialista, é contrária  
à sua tática. Não é no combate ao  
capitalismo e ao fascismo que  
jogam tudo, mas sim na campanha  
eleitoral. As últimas horas das  
barragens, que foram no início uma  
grande manifestação de resistência  
antifascista, assim como a informa-  
ção no sentido da vigilância, trans-  
formaram-se a pouco e pouco num  
excesso de zelo e acabaram em  
pura exibição eleitoralista. As bra-  
çadeiras com siglas de partidos,

que dois dias depois che  
pressa às barragens, eran  
símbolo do oportunismo.  
altura só já conseguim  
sinais... maus.

Assim se desmobiliza  
operária, pondo-a a reb  
eleitoralismo, não a organiz  
sentido da resistência ant  
Nem o apoio ao "doming  
balho" (que os patrões a  
ram muito), nem o folk  
limpeza das ruas crescent  
milímetro à defesa contra  
fascista. Pelo contrário,  
ilusões e desmobilizar as  
operárias, tentando atrelá-l  
governo que defende in  
contrários aos seus, pro  
assim arrancar-lhes uma  
incondicional à política re  
de colaboração de classes

Também na esquerda re  
nária se distinguiram as p  
oportunistas, daquelas qu  
claramente ao lado da clas  
rária. É assim que há par  
organizações que não  
iniciativa, que se mantêm  
guos, que estão sempre  
que lado é que param as  
para ir a rebouque.

A convocação de uma r  
tação para o próprio dia 28,  
no seio da esquerda revol  
e das comissões de trabalho  
foi acompanhada por algu  
hesitação e oscilações, o q  
vocou que a grande manif  
não fosse ainda muito maio  
convocação e a sua organ  
feitas nas vésperas da anu  
manifestação fascista desti-  
se a impedir que esta se rea  
tomando medidas de re  
necessário. Os revolucioná  
trabalhadores em luta, vier  
a rua, dispostos a enfre  
surpresa do momento e c  
cistas.

A manifestação de apo  
MFA feita dois dias depois,  
tudo estava resolvido, revel  
seguidismo e oportunismo.  
uma vez desejo de ficar ber  
aos olhos do poder.

#### 4. REACÇÃO DA POPULA

A reacção da população d  
os dias de crise demonstrou q  
está mobilizável no sentid  
tifascista. O facto das pi  
terem ocorrido às barrager  
estradas, o facto de se terem  
do à manifestação, mesmo q





# Manifesto

## Socialismo : do proletariado

que dois dias depois chegaram à pressa às barragens, eram bem o símbolo do oportunismo. E nessa altura só já conseguiram servir de sinais... maus.

Assim se desmobiliza a classe operária, pondo-a a reboque do eleitoralismo, não a organizando no sentido da resistência antifascista. Nem o apoio ao "domingo de trabalho" (que os patrões agradeceram muito), nem o folclore da limpeza das ruas acrescentarão um milímetro à defesa contra a fúria fascista. Pelo contrário, é criar ilusões e desmobilizar as massas operárias, tentando atrelá-las a um governo que defende interesses contrários aos seus, procurando assim arrancar-lhes uma adesão incondicional à política reformista de colaboração de classes.

Também na esquerda revolucionária se distinguiram as posições oportunistas, daquelas que estão claramente ao lado da classe operária. É assim que há partidos ou organizações que não tomam iniciativa, que se mantêm ambíguos, que estão sempre a ver de que lado é que param as modas, para ir a reboque.

A convocação de uma manifestação para o próprio dia 28, nascida no seio da esquerda revolucionária e das comissões de trabalhadores, foi acompanhada por alguns com hesitação e oscilações, o que provocou que a grande manifestação não fosse ainda muito maior. A sua convocação e a sua organização, feitas nas vésperas da anunciada manifestação fascista destinavam-se a impedir que esta se realizasse, tomando medidas de força, se necessário. Os revolucionários, os trabalhadores em luta, vieram para a rua, dispostos a enfrentar a surpresa do momento e os fascistas.

A manifestação de apoio ao MFA feita dois dias depois, quando tudo estava resolvido, revela puro seguidismo e oportunismo e mais uma vez desejo de ficar bem visto aos olhos do poder.

### 4. REACÇÃO DA POPULAÇÃO

A reacção da população durante os dias de crise demonstrou quanto está mobilizável no sentido antifascista. O facto das pessoas terem corrido às barragens nas estradas, o facto de se terem juntado à manifestação, mesmo quando

esta podia enfrentar surpresas, mostra que o sentimento antifascista está profundamente enraizado mesmo naqueles que não estão organizados em partidos ou movimentos.

Por outro lado, o facto de ter havido zonas onde os homens das barragens se armaram com o que tinham em casa — caçadeiras na maior parte — mostra que os trabalhadores reconhecem que não é de mãos vazias que podem vencer a burguesia e a reacção.

### 5. CONSEQUÊNCIAS SOCIO-ECONÓMICAS E POLÍTICAS

A política económica continuando a ser praticamente a mesma, encerra nela uma grande contradição e provocará inevitavelmente o agravamento da crise económica actual que terá repercussões ao nível do poder político dando possibilidades a um novo golpe e desta vez de tipo fascista.

O agravamento da crise económica, devido à falta de investimentos — pois o capital não confia no poder político — o aumento do desemprego e a subida do custo da vida desencadeiam um processo de desagregação política, levando ao isolamento do MFA e do Governo Provisório em relação às massas exploradas e à pequena-burguesia, em que os menos politizados podem constituir uma força potencial a ser aproveitada pela reacção. A classe operária não podendo suportar a deterioração do seu poder de compra e ao sentir crescer o número de desempregados não poderá deixar de travar um combate por reivindicações imediatas, enfrentando também o impasse da política reformista que lhe refreia a sua combatividade e organização autónoma, podendo vir a produzir uma cisão no seu próprio seio.

A perspectiva eleitoralista em que os partidos reformistas se comprometeram inteiramente, numa procura de estabilidade política, encerra também nela própria uma profunda contradição, pois é geradora de divisões das forças antifascistas atraindo assim a reacção.

Pretender manter a situação actual, esperando consolidá-la é profundamente ilusório; pois perante a crise objectiva que atravessa todo o sistema, a única via

que interessa à classe trabalhadora para a superação de tal crise é a Revolução Socialista.

O grande capital financeiro — detentor do poder económico — encontra-se agora menos directamente representado nas várias instâncias do poder político, tendo deixado nele os defensores directos de pequena e média burguesia.

O agravar de tal desfazimento entre o poder económico e o poder político actual gera novas contradições paralisando o Governo Provisório em qualquer tentativa de política económica com que este pretenda responder à crise.

O assalto do poder político por parte do grande capital — que se tornará inevitável — tenderá a processar-se desta vez completamente fora dos aparelhos políticos, mas tendo que encontrar apoios não só em certas camadas populares menos politizadas, mas sobretudo no próprio poder político actual e nomeadamente nas forças armadas.

A falta de coesão ideológica do próprio MFA e a incapacidade governativa da coligação actual, acentuar-se-ão à medida que se agravar a agudização das contradições entre o poder político e o poder económico ao ponto de produzir roturas no bloco no poder, que na situação actual do capitalismo português poderá desencadear uma luta de classes armada.

### 6. TAREFAS DO PROLETARIADO

Muitos dos objectivos tácticos do "Manifesto ao Proletariado Português", do PRP-BR datado de 12 de Maio, foram cumpridos. Hoje, nesta nova fase que decorre após o 28 de Setembro, novos objectivos orgânicos e tácticos se põem.

A madrugada e o dia 28 de Setembro, assim como os dias que se seguiram, mostraram a combatividade e a possibilidade de mobilização das massas. Mas mostraram também as deficiências em recursos técnicos, as deficiências de organização da classe operária, e os perigos reais das massas populares poderem ser derrotadas. As hesitações e mesmo a capitulação de algumas organizações que se afirmam antireformistas, e de trabalhadores individualizados, entravam a organização nos dias que precederam o 28 de Setembro, tanto no que diz respeito às comis-

sões de trabalhadores como às organizações revolucionárias. Estas hesitações e esta capitulação têm causas diferentes conforme a localização da sua origem. Para alguns tudo se passa como se pudessem paralisar a situação objectiva, ou como se ela não existisse — esperam organizar-se lentamente para um tempo futuro, não se sabe qual. É uma posição idealista no sentido filosófico do termo que tem muito a ver com o dirigismo. Para outros, a táctica a definir regula-se de acordo com o que lhes parece ser a maré, para irem atrás, para não ficarem isolados — são oportunistas.

Estes erros, que se encontram no seio das organizações e dos trabalhadores, não reformistas, têm que ser combatidos. Este combate é uma tarefa urgente, porque só a organização revolucionária dos trabalhadores pode opor uma barreira séria ao fascismo e este não tardará a dar sinais de vida.

Nós denunciamos hoje, como depois do 25 de Abril, que a reacção continua infiltrada no poder. Não esperamos pela próxima tentativa de golpe para deslindar as complicações deste ou daquele. A reacção está no poder, porque este é um poder de conciliação de classes, no qual estão representados interesses diversos. Aí estão também os interesses da grande burguesia, que no momento devido perderá a face "democrática".

Os trabalhadores têm de organizar-se para fazer frente ao fascismo, ao lado dos elementos progressistas do MFA e das FA.

Essa organização passa pelo combate ao eleitoralismo, que pretende arrastar as massas em combates e em manobras, que nada têm a ver com a defesa dos seus interesses. A escalada de calúnias e agressões atingindo graus verdadeiramente contra-revolucionários (tareias, "enforcamentos" simbólicos subscritos por anónimos em painéis de fábricas, insinuações venenosas contra dirigentes operários), caminham a passo gigante entre os reformistas, dispostos a um combate de morte, no sentido eleitoral. Tais atitudes, que têm a ver com um espírito de seita e que nada têm a ver nem com o socialismo nem com a revolução, causam a divisão dentro da classe operária e são um perigo real em face da ameaça fascista. O combate ao eleitoralismo tem de passar pelo desmascaramento de tudo isto.

A classe operária deve procurar por todos os meios não se deixar dividir seja pelo eleitoralismo, seja por posições que embora não pertençam à esquerda tradicional enfermam de oportunismo e da ambição de cavalgar a classe. A ilusão de que é possível pôr a classe a reboque deste ou daquele partido pode levar a manobras que nada têm a ver com a defesa dos interesses da classe operária. Há que procurar intransigentemente uma UNIDADE NA BASE E NA ACÇÃO, não pondo a luta dos operários a reboque de interesses partidários.

Há também que reforçar a organização dos soldados e dos marinheiros dentro das FA, porque aí se dará decerto um confronto entre os interesses dos trabalhadores e os da burguesia.

Neste momento há que concentrar a luta de massas sobre os seguintes objectivos imediatos:

- Saneamento dos fascistas dentro das empresas e em todos os serviços públicos;
- Desarmamento e dissolução da GNR e da PSP;
- Democratização e transformação completa das F. A.;
- Independência imediata para os povos ainda sobre o domínio colonial português;
- Nacionalização dos grandes meios de produção.

— PELA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E UNITÁRIA DA CLASSE OPERÁRIA

— PELA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO SEIO DAS FORÇAS ARMADAS

— PELA ORGANIZAÇÃO SINDICAL DE TODOS OS TRABALHADORES A PARTIR DA BASE

— PELA DESTRUIÇÃO DO APARELHO DE ESTADO FASCISTA

— PELA ALIANÇA DOS SOLDADOS E MARINHEIROS COM OS TRABALHADORES ORGANIZADOS EM LUTA PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

— PELA UNIDADE REVOLUCIONÁRIA DA CLASSE OPERÁRIA

— PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

— PELA DITADURA DO PROLETARIADO

— PELO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Outubro de 1974.

Comissão Central do P. R. P.-B. R.







# V.I. LENINE CONTRA O REVISIONISMO

democráticas, como órgãos de opressão de classe. Ajudando a aclarar e a organizar massas da população infinitamente maiores que as que, antes, participavam activamente nos acontecimentos políticos, o parlamentarismo prepara assim, não a supressão das crises e das revoluções, mas um agravamento máximo da guerra civil durante estas revoluções. Os acontecimentos de Paris durante a Primavera de 1871, e os da Rússia no inverno de 1905, mostraram, com toda a evidência, que este agravamento se produz inevitavelmente. A burguesia francesa, para esmagar o movimento proletário, não hesitou um segundo em comerciar com o inimigo da nação, com o exército estrangeiro que arruinara a sua pátria. Quem não compreende a inelutável dialéctica interior do parlamentarismo e do democratismo burgueses, que conduz a uma solução do conflito, ainda mais profunda que antes, pela violência das massas, não saberá nunca fazer sobre o terreno do parlamentarismo uma propaganda e uma agitação de acordo com os nossos princípios e susceptíveis de preparar de facto as massas operárias a participarem vitoriosamente nesses «conflitos».

**A experiência das alianças, dos acordos, dos blocos com o liberalismo social-reformador na Europa ocidental, com o reformismo liberal na Revolução russa, mostraram de forma convincente que estes acordos adormecem a consciência das massas, que atenuam em vez de accentuar o verdadeiro carácter da luta, ligando os combatentes aos elementos menos aptos para o combate, aos mais prontos ao desfalecimento e à traição.** O millerandismo francês — a experiência mais considerável em matéria de aplicação da táctica política revisionista em grande escala, a uma escala verdadeiramente nacional, — forneceu uma apreciação prática do revisionismo que o proletariado do mundo inteiro nunca mais esquecerá.

O Estado é produto do facto de as contradições de classes serem **inconciliáveis**. O Estado aparece, objectivamente, no momento em que as contradições de classe **não podem** ser conciliadas. E inversamente: a existência do Estado prova que as contradições de classes são **inconciliáveis**.

É precisamente sobre este ponto essencial e capital que começa a deformação do marxismo, deformação que segue duas linhas principais.

Por um lado, os ideólogos burgueses e sobretudo pequeno-burgueses, obrigados sob a pressão de factos históricos incontáveis a reconhecer que o Estado só existe onde existem as contradições de classes e a luta das classes, «corrigem» Marx de tal forma que o Estado acrece como um órgão de **conciliação** das classes. Segundo Marx, o Estado não poderia nem surgir, nem manter-se, se a conciliação das classes fosse possível. Segundo os professores e publicistas pequeno-burgueses e filistinos — que se referem abundantemente e condescendentemente a Marx! —

o Estado tem precisamente o papel de conciliar as classes. Segundo Marx, o Estado é um organismo de **dominação** de classe, um organismo de opressão de uma classe sobre outra, é a criação duma «ordem» que legaliza e cerra esta opressão moderando o conflito das classes. Segundo a opinião dos políticos pequeno-burgueses, a ordem é precisamente a conciliação das classes, e não a opressão de uma classe por uma outra; moderar o conflito, é conciliar, e não retirar certos meios de combate às classes oprimidas em luta pelo derrubamento dos opressores.

Assim, a Revolução de 1917, quando problema da significação e do papel do Estado se põe com toda a sua amplitude, praticamente, como um problema de acção imediata e de massas, socialistas-revolucionários e mencheviques lançaram-se todos, em conjunto e sem reserva, na teoria pequeno-burguesa da «conciliação» das classes pelo «Estado». Numerosas resoluções e artigos de homens políticos destes dois partidos estão todos impregnados desta teoria pequeno-burguesa e filistina da «conciliação». Que o Estado seja o organismo de dominação de uma classe determinada, que **não pode ser conciliada** com o seu antipode (com a classe que se lhe opõe), eis o que a democracia pequeno-burguesa nunca poderá compreender. A atitude que os socialistas-revolucionários e os mencheviques têm em relação ao Estado é uma das provas mais evidentes de que de socialistas nada têm (o que nós, bolcheviques, sempre demonstramos), e que não passam de democratas pequeno-burgueses com uma fraseologia pseudo-socialista.

Por outro lado, há a deformação «kautskista» do marxismo, que é muito mais subtil. «Teoricamente» não se contesta que o Estado seja um organismo de **dominação** de classe, nem que as contradições de classe sejam **inconciliáveis** mas perde-se de vista ou deturpa-se o seguinte facto: se o Estado nasceu do facto das contradições de classe serem **inconciliáveis**, se é um poder situado **acima** da sociedade, e que **cada vez lhe é mais estranho**, é claro que a libertação da classe oprimida é impossível, não só sem uma revolução violenta, **mas também** sem a supressão do aparelho do poder de Estado que foi criado pela classe dominante e no qual está materializado este carácter «estranho». Esta conclusão, teoricamente clara por si própria, foi tirada por Marx com uma perfeita precisão como veremos adiante, da análise histórica concreta das tarefas da revolução. E é precisamente esta conclusão que Kautsky — mostrá-lo-emos em detalhe mais adiante — «esqueceu» e desnaturalizou.

A traição ao socialismo pela maioria dos chefes da II Internacional (1889-1914) significa a derrota ideológica dessa Internacional. Essa derrota tem por causa fundamental a preponderância de facto no seio desta Internacional de oportunismo pequeno-burguês, sobre o qual os melhores representantes do proletariado de todos os países

mostraram desde há muito a sua natureza burguesa e os seus perigos. A derrota da II Internacional foi há muito preparada pelos oportunistas, que negaram a revolução socialista para lhe substituir o reformismo burguês, negaram a luta de classe que deve em determinado momento transformar-se em guerra civil, para preparam a colaboração de classe, para preparam o chauvinismo burguês sob pretexto de patriotismo e de defesa da pátria, desprezando assim ou contestando a verdade elementar do

crise. A guerra mostrou claramente que no momento de uma crise (ora, a época do imperialismo será inevitavelmente uma época de todo o tipo de crises), a massa dos oportunistas, apoiados e, em parte, directamente inspirados pela burguesia (o que é particularmente importante!), passa para o lado desta última, trai o socialismo, sabota a causa operária e condu-la à derrota. Em qualquer crise, a burguesia virá sempre em socorro dos oportunistas e tentará esmagar a parte revolucionária do proletariado, sem recuar frente a nada, recorrendo às medidas **militares** mais arbitrárias, mais brutais. Os oportunistas são inimigos burgueses da revolução proletária que, em tempo de paz, executam sorrateiramente tarefas burguesas infiltrando-se nos partidos operários, mas que em períodos de crise, se mostram **imediatamente** como os aliados declarados de **toda** a burguesia unida, dos conservadores aos burgueses mais radicais e mais democratas, dos livres pensadores aos elementos religiosos e clericais. Quem não tenha compreendido esta verdade a **partir** dos acontecimentos de que somos testemunhas, engana-se irremediavelmente e engana os operários. Casos individuais de deserção são inevitáveis, mas é preciso lembrar que o seu carácter é determinado pela existência duma **camada** ou duma **corrente** de oportunistas pequeno-burgueses. Os social chauvinistas Hyndman, Vandervelde, Guesde, Plékhanov, Kautsky nada conseguiriam se as suas propostas frágeis e pueris a favor do patriotismo burguês não fossem bem acolhidas por camadas sociais inteiras de oportunistas e por bandos de jornais e políticos burgueses.

Seria absolutamente falso pensar que, para lutar directamente a favor da revolução socialista, poderíamos ou deveríamos abandonar a luta por reformas. Isto não está certo. Não podemos saber em quanto tempo chegaremos ao sucesso, em que momento as condições objectivas permitirão o aparecimento **dessa** revolução. Devemos apoiar todo o melhoramento real da situação económica e política das massas. O que nos separa dos reformistas não é sermos contra — e eles a favor — em relação às reformas. Absolutamente nada. Eles contentam-se com reformas e vão-se corrompendo até não passarem de «guardas-doentes do capitalismo» segundo a bela expressão de um (raro) colaborador revolucionário da *Schweizerische Metal-larbeiterzeitung* (n.º 40). Nós dizemos aos operários: votem por eleições de representação proporcional, etc., mas não façam disso a principal actividade, coloqui em primeiro plano a propagação constante da ideia da revolução socialista imediata, preparai-vos para esta revolução, realizai com este fim transformações radicais apropriadas em todos os domínios da actividade do Partido. As condições da democracia burguesa obrigam-nos muitas vezes a tomar esta ou aquela posição sobre uma multidão de pequenas e de minúsculas reformas, mas é preciso estarmos aptos ou aprendermos a pronunciarmo-nos a favor das reformas de **maneira** que — empregando uma linguagem simplificada para ser mais clara, — cada um dos nossos oradores, falando meia-hora consagre cinco minutos às reformas e vinte e cinco à revolução iminente.

Os acontecimentos actuais mostraram precisamente que, por um lado, estavam maduras as condições objectivas para uma guerra imperialista (quer dizer uma guerra que corresponde ao estágio mais alto, ao estágio último do capitalismo), e que, por outro lado, as

dezenas de anos da época dita pacífica acumularam em todos os países da Europa uma massa de estrume pequeno-burguês oportunista no interior dos partidos socialistas. Há já perto de quinze anos, depois da época da famosa «bersteinada» na Alemanha, e mesmo mais cedo em muitos outros países, que a questão sobre este elemento oportunista, **estranho**, no seio dos partidos proletários, foi posta na ordem do dia; sem dúvida que não se encontraria um só marxista que não tivesse reconhecido imensas vezes que os oportunistas são elementos não proletários, hostis à revolução socialista. Não há dúvida que este elemento social cresceu muito rapidamente durante os últimos anos: funcionários dos sindicatos legais, parlamentares e outros intelectuais, comodamente instalados no movimento de massa legal, certas camadas de operários melhor retribuídos, pequenos empregados, etc., etc. A guerra mostrou claramente que no momento de uma crise (ora, a época do imperialismo será inevitavelmente uma época de todo o tipo de crises), a massa dos oportunistas, apoiados e, em parte, directamente inspirados pela burguesia (o que é particularmente importante!), passa para o lado desta última, trai o socialismo, sabota a causa operária e condu-la à derrota. Em qualquer crise, a burguesia virá sempre em socorro dos oportunistas e tentará esmagar a parte revolucionária do proletariado, sem recuar frente a nada, recorrendo às medidas **militares** mais arbitrárias, mais brutais. Os oportunistas são inimigos burgueses da revolução proletária que, em tempo de paz, executam sorrateiramente tarefas burguesas infiltrando-se nos partidos operários, mas que em períodos de crise, se mostram **imediatamente** como os aliados declarados de **toda** a burguesia unida, dos conservadores aos burgueses mais radicais e mais democratas, dos livres pensadores aos elementos religiosos e clericais. Quem não tenha compreendido esta verdade a **partir** dos acontecimentos de que somos testemunhas, engana-se irremediavelmente e engana os operários. Casos individuais de deserção são inevitáveis, mas é preciso lembrar que o seu carácter é determinado pela existência duma **camada** ou duma **corrente** de oportunistas pequeno-burgueses. Os social chauvinistas Hyndman, Vandervelde, Guesde, Plékhanov, Kautsky nada conseguiriam se as suas propostas frágeis e pueris a favor do patriotismo burguês não fossem bem acolhidas por camadas sociais inteiras de oportunistas e por bandos de jornais e políticos burgueses.

A revolução proletária e o renegado Kautsky (Outubro-Novembro 1913).

O radical russo é perito em descobrir factos consumados! (Publicado em *Jizm Vestnik*, n.º 12, 18 de Outubro 1906).

O Estado e a Revolução (1 agosto-Setembro de 1917).

Teses sobre a guerra (5-6 de Setembro de 1914).

Teses de princípio sobre a guerra (Dezembro de 1916).

Teses sobre as tarefas fundamentais do II Congresso da Internacional comunista (4 de Julho de 1920).

Que fazer agora? (Publicado no *Social-Democrata*, n.º 36, 9 de Janeiro de 1915).



# RIBEIRO DOS SANTOS

Faz no dia 12 de Outubro dois anos que foi morto José António Ribeiro dos Santos, num anfiteatro da Faculdade de Económicas. Interrupção uma reunião de estudantes sobre a repressão, a Pide invadiu a sala onde os estudantes se encontravam. Ai, e perante a reacção das massas estudantis, um dos agentes desferiu um tiro à queima-roupa em Jose António Ribeiro Santos.

A divulgação desta notícia em toda a sua amplitude foi proibida e a direcção da Escola publicou um comunicado ambiguo. Neste aparecia uma posição de fiel de balança entre a policia e os estudantes, o que, num caso destes, era objectivamente cumplicidade.

O funeral de Ribeiro dos Santos foi uma bela jornada das massas estudantis e dos anti-fascistas em geral. E nela mais uma vez a policia carregou.

Veto o 25 de Abril. José António Ribeiro dos Santos não pode experimentar as novas condições de liberdade, criadas pelo golpe militar. Mas o seu exemplo ficou como memória de crime e de resistência. Os seus camaradas de partido, o MRPP, prestaram-lhe homenagem logo após o 25 de Abril, mudando simbolicamente para o seu nome o Largo da casa onde morava. No dia 12, de novo o homenagearam.

Homenageamos Ribeiro dos Santos

# santos junior é caluniado

Perde o pé o reformismo junto das massas trabalhadoras portuguesas. Isso não é porque os trabalhadores deste país sejam diferentes, mas porque as condições o facilitam. Não permitindo a economia portuguesa um desenvolvimento dentro da estrutura capitalista e estando o P. C. e o P. S. no Governo, não lhes é possível porem-se ao lado dos trabalhadores na luta por melhores salários. É uma contradição da qual não saem. Este seu abandono das lutas operárias tem naturalmente permitido que os trabalhadores dos grandes sectores estejam numa declarada posição anti-reformista. O que provoca o descontrolo das posições reformistas. E perdem a compustura... Aqui, a calúnia, a raiva, a manobra, o ódio dos reformistas tem atingido um grau perigoso. Suedem-se os exemplos todos os dias. Tareias no pinhal de Leiria, a ocultas da população... ameaças de "enforcamento" escritas nos painéis da Lianave... E... a pena do Sr. Sérgio Ribeiro no "Notícias da Amadora". Ai se lê no n.º 681, de 28 de Setembro de 1974 uma local em que não se afirma, mas insinua-se, que Santos Junior é da CIA. O facto de não se afirmar, mas insinuar-se abertamente, agrava a questão. Na verdade não se diz: "é assim", mas diz-se "pode ser", "tem todas as condições para ser". Isto passa-se exactamente para não se pedir provas, porque as não têm.

Isto passa-se para atirar calúnias não só sobre Santos Junior, como também sobre os trabalhadores da Tap e o movimento operário. Pois que Santos Junior, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos fechado pelo fascismo, e que teve que se refugiar no Canadá donde veio após o 25 de Abril, tem sido um dos dirigentes (eleitos) na luta da Tap. Assim se procura desmobilizar os trabalhadores, lançando a dúvida.

# Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas

No dia 12 de Outubro às 21 h realiza-se no Pavilhão do Clube Atlético de Campo de Ourique, na rua do Cabo, 3, em Lisboa, um comício desta organização anti-fascista.

Mas é altura de perguntarmos: quem é Sérgio Ribeiro?

Sérgio Ribeiro é um economista. Não chega.

Sérgio Ribeiro é o típico reformista. Não chega.

Sérgio Ribeiro foi preso pela policia fascista.

E aí começou a sua desgraça. Chegando à policia falou e denunciou os seus camaradas, mettendo vários na cadeia. Não contente com esse papel de denunciante, o seu comportamento, quando recolheu à sala da prisão depois dos interrogatórios, foi o dos que flectem perante os guardas.

Saldó da prisão, Sérgio Ribeiro, fez-se com o grande capital. Quando o Grémio dos Industriais Farmacêuticos necessitou de aumentar o preço dos medicamentos (e o povo que os pagasse!), Sérgio Ribeiro elaborou o parecer técnico para fundamentar aquela posição. E recebeu... mais de 100 contos.

E agora que desminta. E natural que calunie Santos Junior. São posições de classe.

Estamos com isto a defender Santos Junior?

Santos Junior, não tem nada que ver com o PRP e com certeza não necessita que o PRP o defenda.

Com o exemplo de Santos Junior pretendemos dizer aos senhores tipo — Sérgio Ribeiro: Basta. Basta porque os vossos métodos têm um nome: são contra-revolucionários, são fascistas. Metam bem na cabeça uma coisa: não vos tratamos, como alguns fazem (aqueles que só têm existência orgânica depois do 25) pedindo-vos licença para ser militantes operários.

Não! Não vos pedimos licença durante o período fascista, muito menos vos pedimos hoje.

Tratamos convosco de acordo com os vossos métodos.

# SOARES DA COSTA

## 4.000 OPERÁRIOS APOIARAM

## MOVIMENTO GREVISTA

Mantém-se, sem desfalecimento, a greve dos operários da empresa de construção civil Soares da Costa, SARL, na obra da nova sede da Mutual, ao Campo Alegre, na cidade do Porto. A sua luta começou em 21 de Agosto passado reivindicando melhores salários, semanas de 45 h. além de certas regalias sociais, indemnização a cinco operários feridos, tempo de greve pago e readmissão de 150 grevistas despedidos a 30 de Setembro.

Esta reivindicação salarial assenta no facto de o CCT em vigor no Sul, desde há meses, não ser praticado no Norte. A tabela salarial daquele CCT estabeleceu 6900\$00 para oficiais de 1.ª, 6300\$00 para oficiais de 2.ª e 4500\$00 para serventes, mensalmente. Os operários em greve reivindicam, para as mesmas categorias, respectivamente 6300\$00, 6000\$00 e 4300\$00, aceitando portanto desníveis de 600\$00, 300\$00 e 200\$00 em relação aos camaradas do Sul. Apesar disso, o patrão recusa-se a negociar, alegando risco de falência e ameaçando com despedimentos e acções legais por danos em máquinas e materiais.

A empresa de construção civil Soares da Costa pertence a três irmãos (Fernando, Laurindo e José Soares da Costa) e ocupa no país um lugar principal no seu sector de actividade. Emprega cerca de 4000 trabalhadores só no Norte, zona onde procede actualmente a diversas obras importantes.

Ouvimos alguns operários grevistas que faziam o habitual piquete junto da obra paralisada. Perguntámos:

— Que apoios tem tido a vossa luta?

— Os camaradas da obra de Beato Inácio solidarizam-se connosco. O nosso Sindicato tem-nos ajudado e também a população em geral. Os vizinhos daqui dão-nos diariamente sopa, café. O primeiro número do nosso «Jornal da Greve» teve quinze mil compradores. O segundo também está a vender-se e isso ajuda. A Juventude Social a mesma coisa.

— Vão continuar?

— Até que o patrão resolva negociar connosco.

Outro operário comentou:

— Ele estava mas é à espera que os fascistas venessem, mas enganou-se... Se não fosse isso, estávamos agora todos a ferros...

— Os apoios chegam-vos para continuar a luta até ao fim?

— Os camaradas de todas as obras do Soares da Costa, no Bairro de S. Tomé, na Raione, no estádio do Lima, e de outras empresas, já nos apoiaram com greves, mas depois cederam às manobras do patrão.

Um operário interrompeu com outro comentário:

— Até apareceu aqui e na Rua 31 de Janeiro uma senhora que disse que era mulher de um Soares da Costa a dar-nos ajuda em dinheiro: disse que não se deitava com o marido porque tinha nojo

dele e que ele era um fascista»...

— Quais os acontecimentos mais recentes da vossa luta?

— Respondendo às ameaças de despedimento e às manobras dos encarregados, escovas do patrão, fizemos no dia 30 de Setembro um desfile. Um grupo de operários desta obra e de Beato Inácio, acompanhado pelo Sindicato, foi pedir solidariedade e apoio aos outros camaradas em actividade. Eles aderiram e acompanharam-nos no desfile pela cidade. O nosso «Jornal da Greve - 2», que saiu no dia 4 passado, fala desse desfile.

### «JORNAL DA GREVE - 2»

«A manifestação em marcha chegou a mobilizar cerca de 4000 ope-

rários todos irmanados no mesmo ideal de mostrar aos patrões que a classe operária é uma força imensa contra a qual eles nada podem se nos unirmos, se fizermos da frase «UM POR TODOS — TODOS POR UM» o lema dos operários explorados e oprimidos pelo Capital que dia a dia nos suga o suor e o sangue.

A manifestação seguiu depois à Rua do Almada onde estava o escritório (da empresa Soares da Costa) guardado por cerca de 60 policiaes. Para que seria a policia armada de pistola? Não se admite que mandem a policia para nos barrar o caminho como se de ladrões se tratasse, não se admite que eles metam policia armada à frente de homens desarmados.

# ESCLAREÇA - SE

Nos fins de Setembro foi preso no Porto, António Maria Dornelas, funcionário do Sindicato dos Operários Químicos do Norte.

Já anteriormente fora chamado ao Quartel General do Porto onde o Brigadeiro Esmeris o interrogou acerca de possíveis acusações coincidindo com calúnias vindas a público em panfletos de origem reformista.

Foi detido «administrativamente» a pretexto de irregularidade na sua situação militar e posto em isolamento sob a acusação de ser um agitador político.

Entretanto, e nas mesmas condições militares é detido Vitor Serra, estudante da U. E. C. que foi libertado dois dias depois... Acrescenta-se que o dito «agitador» tem tido o apoio e a vista de muitos dos trabalhadores do Sindicato.

Sob a acusação de «mutinarem a população» são presos dois militantes das Comissões de Unidade Popular (C. U. P.) que afixavam um cartaz onde era exposta a posição da referida organização quanto ao conteúdo da Jornada Nacional do Trabalho.

Mais uma vez é utilizada por parte do reformismo a identificação das posições antagónicas às suas com as tentativas de restabelecimento fascista.

Posteriormente grupos de informação que distribuíam comunicados à população sobre o incidente são agredidos violentamente por elementos de conhecidas posições reformistas.

É necessário acabar com as prisões arbitrarias (o 25 de Abril já lá vai há 5 meses); é necessário acabar com falsas calúnias que pesam sobre militantes revolucionários; é necessário apurar responsabilidades sobre acusados e acusadores.

É NECESSÁRIO SER-SE VIGILANTE...

# Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral — 60\$00   
Anual — 120\$00

PAGAMENTO: Em cheque   
En Vale

APARTADO 4117-LIS.-4



# CHE GUEVARA um exemplo de revolucionário

SE queremos expressar como aspiramos que sejam os nossos combatentes revolucionários, os nossos militantes, os nossos homens, devemos dizer sem vacilações de espécie alguma: que sejam como o Che! Se queremos dizer como desejamos que se eduquem os nossos filhos, devemos dizer sem vacilar: queremos que sejam educados no espírito do Che! Se queremos um modelo de homem, um modelo de homem que não pertence a esta época, um modelo de homem que pertence ao futuro, do coração digo que esse modelo sem uma só mancha no seu comportamento, sem uma só mancha nas suas atitudes, sem uma só mancha na sua acção, esse modelo é o Che! Se queremos expressar como desejamos que sejam os nossos filhos, devemos dizer com todo o coração de veementes revolucionários: queremos que sejam como Che!

FIDEL DE CASTRO

18 de Outubro de 1967

Grande exemplo de revolucionário e internacionalista, Che Guevara nasce na Argentina em 1928. Começa uma luta política decidida em Guatemala, em 1954, dentro de uma perspectiva anti-imperialista.

Em 1956 conhece Fidel de Castro no México e associa-se ao projecto político deste, desembarcando ambos com uma expedição em Playa de Los Colorados. Apesar de apenas cerca de duas dezenas dos elementos desta expedição terem sobrevivido e apesar da perseguição dos mercenários do ditador Batista, já em 1958 o seu grupo é o exército de libertação que derrota o sanguinário ditador de Cuba.

Após a Revolução Cubana e de ter trabalhado vários anos pela consolidação desta, Che mostra mais uma vez o seu espírito internacionalista e o seu desapego ao poder pessoal — renuncia aos seus cargos para ir combater o imperialismo noutras terras. Assim, em 1965, Fidel de Castro dá a conhecer ao povo cubano a carta em que Guevara declara partir para «outros lugares do mundo que reclamam a contribuição das suas modestas forças».

Segue-se um período em que Che aparece como causador, o bode expiatório, de quase todas as movimentações de massas na América Latina. A informação da burguesia dá-o muitas vezes como morto, as polícias e os exércitos de quase toda a América Latina perseguem-no.

Morre como valoroso combatente na Bolívia em 8 de Outubro de 1967.

Referir e pensar hoje a morte de Guevara não pode significar para os revolucionários comemorar uma data, fazer mais uma manifestação de folclore, colocar mais um poster em casa.

É a burguesia e o reformismo (social-democrata e revisionista) que pretendem transformar Guevara num mito, em mais um objecto de veneração tal como têm também pretendido transformar outros revolucionários tais como Marx, Lenine e Mao.

A vitória armada do povo cubano sobre a ditadura de Batista, vitória de que Che foi um dos principais responsáveis, significa a queda dos velhos dogmas referentes à luta de massas. Mostrou como, pela guerrilha, é possível um povo libertar-se de estruturas que o oprimem e que nem sempre é de ficar à espera que estejam preenchidas todas as condições para fazer a revolução — a guerrilha pode apressar o seu aparecimento.

A muitos dos pseudo-revolucionários de ontem e de hoje, independentemente dos erros de análise e de tática que possam ter estado presentes na acção de Guevara, dizemos com ele: «Muitos consideram-me um aventureiro, e na verdade sou-o, mas de um tipo diferente, do tipo dos que arriscam a pele para provar o que afirmam».

Estudar e compreender a experiência de luta armada de Guevara, assim como as experiências dos povos Chineses e Vietnamitas, Africanos e Latino-Americanos, deve ter o sentido profundo de, face às situações concretas e específicas de cada país, onde o capitalismo e o imperialismo exercem o seu domínio, aí fazer a revolução.

Vem nesta linha a experiência de luta armada das Brigadas Revolucionárias, em Portugal. Ela representou o rompimento com certas teorias, que transplantam mecanicamente de situações muito concretas para outras profundamente diferentes, modelos e esquemas totalmente inadequados às realidades específicas.

Contrariando afirmações e vontade de muitos pseudo-revolucionários, as acções das Brigadas Revolucionárias, contra o aparelho de estado fascista e contra a guerra colonial, foram um contributo importante para a queda do fascismo, para o agravar da crise do capitalismo em Portugal, para a libertação das colónias, para a criação de uma alternativa revolucionária ao sistema capitalista.

# HOMENAGEM A A MIGUEL ENRIQUEZ assassinado em santiago

No dia 5 de Outubro morreu no Chile, Miguel Enriquez, Secretário-Geral do MIR (Movimento da Esquerda Revolucionária). Foi morto depois de duas horas de tiroteio, resistindo contra os fascistas e, ao que parece, permitindo a alguns companheiros fugirem, entre eles Andres Pascal, Carmen Castillo Echeverria, que era sua companheira e que estava grávida de sete meses, ficou gravemente ferida e deu entrada num hospital.

Miguel Enriquez, que foi segundo secretário Geral do MIR, depois da sua morte accidental de Luciano Cruz, era médico, mas há muito que se dedicara exclusivamente à actividade revolucionária, clandestina antes do Governo de Allende e legal depois. Regressando à clandestinidade após o golpe de 11 de Setembro de Pinochet, passou a ser um dos alvos principais da polícia fascista Chilena, visto que a sua organização, o MIR, advogava a luta armada como combate ao fascismo. Ao contrário dos dirigentes dos partidos reformistas, Enriquez não fugiu para o estrangeiro, após o golpe fascista. Ficou no Chile, lutando contra o Governo de Pinochet. É, aliás, decisão do seu partido, o MIR, que toda a direcção se mantenha no interior do Chile e se apenas muito poucos militantes saiam para o estrangeiro, com missões específicas e autorizadas pela direcção; todos os outros que fugirem são considerados como desertores da luta e expulsos.

Muito caluniado pelos reformistas, especialmente pelo PC Chileno, Miguel Enriquez era, no entanto muito considerado pela esquerda revolucionária de todo o mundo e representava a vontade coerente de um revolucionário, que defende e que faz a luta armada. A sua morte é uma perda muito grande para o MIR, para a resistência chilena, para todo o movimento revolucionário da América Latina, para os revolucionários de todo o mundo.

Examinando dum forma clara a situação que precedeu o golpe de Setembro de 1973, Enriquez deu em Julho desse ano uma entrevista em que o previa, a qual foi por nós publicada na íntegra em número anterior.

JULHO de 1973

Lembremos hoje apenas um extrato:

«Toda a intenção de aliança da classe operária com fracções da grande burguesia, terminará separando a classe operária dos seus verdadeiros aliados: os pobres do campo e das cidades, os camponeses. Com eles é que a classe operária tem que estabelecer a sua aliança revolucionária.

Voltando então à pergunta: se ontem fracassaram as intenções de colaboração de classes e só conseguiram dividir o povo, hoje, agudizada e polarizada em extremo a luta de classes, será mais difícil ainda reiniciar nesta intenção, e se isto se consumir, as suas consequências serão funestas.

O propósito fundamental expresso de evitar a guerra civil não será logrado por este caminho. Melhor, por esta via a guerra civil será precipitada e em piores condições para as massas.

Vivemos momentos em que dois grandes e poderosos blocos sociais se enfrentam, tomam posições. Saímos recentemente dum inatenta golpe, mas os golpistas, muitos deles, ainda com forças, permanecem impunes. Os principais extratos da burguesia propeem a si próprias e manobram publicamente no sentido do derrubamento do governo».

AGOSTO DE 1974

MAS AS PALAVRAS DE Enriquez não tinham eco nos reformistas. A política de colaboração de classes manteve-se. E com ela o perigo dum golpe da burguesia, que acabou por acontecer dois meses depois daquela entrevista. O terror abateu-se sobre o Chile. Alguns dirigentes foram mortos e torturados. Mas ao longo dum ano o MIR estruturou-se, fez trabalho de massas. E em Agosto de 1974, entrevistado na clandestinidade para o jornal «El Rebelde» editado clandestinamente no Chile, M. Enriquez dizia:

«O ano de ditadura gorila foi um ano de derramamento de sangue operário, um ano de repressão e de tortura de massas, um ano de desemprego e prisões, um ano de super exploração, fome e miséria; mas neste estreito tempo foi o ano da falência da política gorila, da falência da sua política económica a breve trecho, um ano de instabilidade da ditadura, do seu isolamento da esmagadora maioria de chilenos e do alargamento da solidariedade internacional à volta desta...»

Foi também o ano de maior esperança para a classe operária e para os revolucionários na luta clandestina e na qual ficou demonstrado historicamente a força e disposição para a luta dos trabalhadores e dos revolucionários; um ano que assegurava que o próximo será o ano da resistência e do combate activo em todo o Chile, incluindo propaganda e a luta armada contra a ditadura gorila.

O MIR apela para a classe operária, para o povo, e todos os sectores que estão contra a ditadura, a converter todo o seu ódio e toda a sua indignação, na organização da resistência; apela para todos os seus militantes e não militantes a organizarem-se em grupos de três, cinco ou sete, constituindo comités de resistência, cuja plataforma será a unidade do povo contra a ditadura, a luta pela reconquista das liberdades democráticas e a luta pela defesa do nível de vida das massas.

Apela a organizarem-se e a desenvolverem objectivos que primeiro havíamos enumerado: a propaganda, baixas de produção, a sabotagem menor, etc.

O MIR apela para todos os elementos da resistência popular a

converterem e a ganharem para a resistência todos os seus amigos, parentes, companheiros de trabalho ou conhecidos, especialmente se são membros das forças armadas; a enviar cartas assinadas pela resistência a todos aqueles que se suponha poderem-se unir à luta.

Enfim, o MIR chama todos os operários, camponeses, estudantes, soldados, empregados todos os sectores do povo, para que daqui até ao 11 de Setembro próximo se cubra o Chile com uma palavra de ordem; escrevamo-la, com lápis, caneta, pincel, nas casas de banho, nos autocarros, nas estradas, nas máquinas nas secretárias, e façamos panfletos copiógrafados à máquina, à mão, a fim de que no 11 de Setembro todo o Chile seja coberto com uma só palavra de ordem que demonstre a força da resistência:

A RESISTÊNCIA POPULAR TRIUNFARÁ!

A TRAGÉDIA DAS CALÚNIAS REFORMISTAS

ENQUANTO Miguel Enriquez é morto em Santiago do Chile, uma coincidência trágica acontecia durante uma sessão do P.R.P.. Passava-se em Santana, uma aldeia alentejana perto de Arraiolos. Após uma sessão de esclarecimento do P.R.P., os militantes deste partido foram interpelados, como já vai sendo hábito por elementos reformistas ali deslocados proposadamente. Após uma discussão sobre a situação portuguesa, lançaram mão do exemplo chileno para demonstrar a responsabilidade da esquerda revolucionária no golpe fascista e depois, para ilustrar, um deles diz simplesmente que o MIR tinha reconhecido desde o primeiro momento o governo de Pinochet e que tinha provas disso que podia apresentar. Tal afirmação, feito em tom ligeiro e auto-suficiente, indignou vivamente todos os presentes que conheciam a realidade chilena; e o reformista em questão acabou por ser desmascarado.

Tragicamente, ao mesmo tempo que este caluniador, a coberto de organizações «democráticas», lançava a calúnia e a mentira e regressava a casa, apesar de tudo impune, o revolucionário Miguel Enriquez, resistia heroicamente durante duas horas ao tiroteio fascista e por fim era morto

